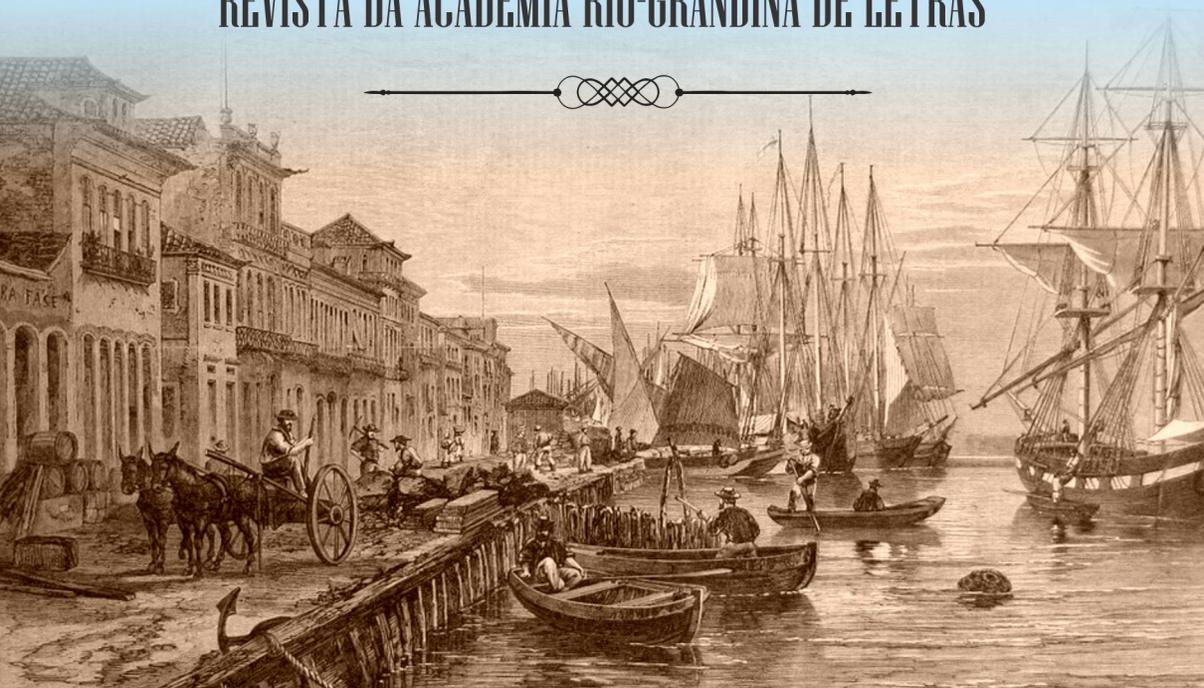




LETRAS DO RIO GRANDE

REVISTA DA ACADEMIA RIO-GRANDINA DE LETRAS





DIRETORIA DA ARL – BIÊNIO 2017-2018

Francisco das Neves Alves

– Presidente –

Dalva Leal Martins

– Vice-Presidente –

José Antonio Klaes Roig

– Secretário –

Ronaldo Oliveira Gerundo

– Tesoureiro –

Wilson Rosa da Fonseca

– 1º Diretor de Acervo –

Gilson Borges Corrêa

– 2º Diretor de Acervo –



LETRAS DO RIO GRANDE

REVISTA DA ACADEMIA RIO-GRANDINA DE LETRAS



CASALETRAS

Rio Grande, ano 1, número 1, 2018

Direitos reservados desta edição: Academia Rio-Grandina de Letras

2018

Figura da capa: Vista do Porto do Rio Grande - Francis Richard (1865)

Editor: Francisco das Neves Alves

Comissão editorial:

Dalva Leal Martins

Glecy Therezinha Freitas Andrade

José Antonio Klaes Roig

Arte, diagramação e formatação eletrônica: Editora Casaletas

LETRAS DO RIO GRANDE – Ano 1, n. 1 – Rio- Grande: Academia Rio-Grandina de Letras, 2018.

Anual

ISSN: 2595-7996

1. Literatura. I Academia Rio Grandina de Letras

CDU 869.0-82

As opiniões e informações expressas em cada um dos textos são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.

APRESENTAÇÃO



A Academia Rio-Grandina de Letras (ARL) foi criada a 14 de março de 1981 e vem por quase quatro decênios exercendo seu papel de promover a leitura, a literatura e a cultura no âmbito citadino, mas com alcance, por meio de intercâmbios e inter-relações sociais, no contexto regional, nacional e internacional.

Tal atividade cultural tem estado vinculada a múltiplas ações como publicação de antologias, organização de eventos, realização de concursos, promoção de permutas, manutenção de página divulgada junto à imprensa, atuação conjunta com outras instituições culturais e estabelecimento de constantes interfaces com a comunidade em geral.

A partir deste ano de 2018, a ARL dá mais um passo nessa longa caminhada cultural, dedicando ao público leitor a revista *Letras do Rio Grande*. Essa edição está em consonância com algumas das finalidades estatutárias da instituição, como a de promover publicações e divulgar a obra e publicizar elementos biográficos e bibliográficos acerca de escritores rio-grandinos, além de propugnar por medidas e participar de iniciativas que fortaleçam a cultura em geral.

Este periódico visa a difundir trabalhos de acadêmicos que fazem parte dos quadros da ARL. Os escritos da lavra das acadêmicas e dos acadêmicos aqui editados trazem em si uma representação da totalidade dos membros da Academia. Tais textos são agora reapresentados para divulgação em uma nova plataforma e estão categorizados em poesias; crônicas, contos e ensaios; e registros de exposições fotográficas. Já o último segmento está vinculado à divulgação dos quarenta patronos de cada uma das cadeiras que compõem a ARL, trazendo alguns trechos e/ou fragmentos de seus escritos em prosa ou verso, difundido, por meio de brevíssima e singela amostragem, uma faceta do modo de escrever de cada um deles. O cerne dos escritos são temas correlatos à cidade do Rio Grande, além da abordagem de temáticas diversificadas.

Assim, com *Letras do Rio Grande – Revista da Academia Rio-Grandina de Letras*, publicação periódica de edição anual, inaugura-se mais uma das empreitadas culturais da Academia Rio-Grandina de Letras, prosseguindo em sua seara no intento de constantemente revivificar as letras.

Diretoria – Gestão 2017-2018

SUMÁRIO



POESIAS

Cidade do Rio Grande	14
Dalva Leal Martins	
Minha terra natal	15
Dalva Leal Martins	
Rio Grande amada	16
Dalva Leal Martins	
Rio Grande assim	17
Edson Costa	
A nova terra e o mar	19
Glecy Therezinha Freitas Andrade	
Castelo da esperança	21
Glecy Therezinha Freitas Andrade	
Eterna construção	22
Glecy Therezinha Freitas Andrade	
Momentos	24
Helena Heidtmann Vaghetti	
Só meu	25
Helena Heidtmann Vaghetti	
O livro	27
Iracema dos Santos Martins	
À beira-mar	28
Iracema dos Santos Martins	
Catedral de São Pedro	30
Iracema dos Santos Martins	

Ao mar do Rio Grande	32
João Marinônio Carneiro Lages	
O livro dos dias	33
José Antonio Klaes Roig	
Não há mal em amar	35
José Antonio Klaes Roig	
Mapa dos sonhos	38
José Antonio Klaes Roig	
A Noiva do Mar	40
Marcos Costa Filho	
Minha Rio Grande	41
Marcos Costa Filho	
Pedido ao padroeiro	43
Marcos Costa Filho	
Amo Rio Grande	44
Marisa Wilde Rodrigues Pinto	
Versos para a Noiva do Mar	46
Nara Fátima Tavares da Silva	
Exortação	48
Nilza Rita Lourenço da Fontoura	
O pacificador entenderia	50
Ronaldo Oliveira Gerundo	
Vagoneta	52
Ronaldo Oliveira Gerundo	
O Rio Grande que vejo	53
Ronaldo Oliveira Gerundo	
Vidas	55
Zeni Silveira de Silveira	
Quero... querer-te!	57
Zeni Silveira de Silveira	

CRÔNICAS, CONTOS E ENSAIOS

Rio Grande, cidade turística60

Dalva Leal Martins

A Violeta: imprensa literária e feminina na cidade do Rio Grande ...62

Francisco das Neves Alves

Sonhos na lagoa71

Gilson Borges Corrêa

O impacto que a miséria causa.....73

Glecy Therezinha Freitas Andrade

Espelho75

Helena Heidtmann Vaghetti

O navio encalhado.....78

José Antonio Klaes Roig

A imprensa satírico-humorística rio-grandina: uma introdução ao estudo da *Comédia Social*84

Luciana Coutinho Gepiak

Ajude-a São Pedro – ela tem 281 anos91

Marcos Costa Filho

Riachuelo e Marcílio Dias94

Péricles Antônio Fernandes Gonçalves

EXPOSIÇÕES FOTOGRÁFICAS

O Rio Grande em 1889 – breve mostra do acervo fotográfico da Biblioteca Rio-Grandense101

Francisco das Neves Alves

Imagens do Rio Grande atual105

Wilson Rosa da Fonseca

PATRONOS

Sextilhas rio-grandenses	109
Adel Braga Carvalho	
Indefinição	110
Alexandre José de Seixas Fernandes	
Visita à minha terra	111
Alfredo Ferreira Rodrigues	
Hino do Colégio Estadual Lemos Júnior	112
Antenor de Oliveira Monteiro	
O gaúcho	114
Antônio da Costa Correia Leite Filho	
Silva Paes e sua gente	115
Antônio Gomes de Freitas	
O baile	117
Aparício Fernando Brinkeroff Torely	
O gaúcho	118
Apolinário José Gomes Porto Alegre	
História da poesia	120
Armando Lopes Duarte Coimbra	
Retrato	121
Arthur Pinto da Rocha	
Hino da Sociedade Dramática Filhos de Tália	122
Arthur Rodrigues da Rocha	
Valsando...	124
Bernardo Taveira Júnior	
O teatro da campanha e o comando militar	125
Bertoldo Ritter Klinger	
Sorrisos e prantos	127
Cipriano de Almeida Porto Alegre	

Ode ao Rio Grande	128
Coleta da Silva Miller	
Mensageiro d'alma	130
Edgar Braga da Fontoura	
Amor e lamento	131
Eduardo Ernesto de Araújo	
O contrabandista	132
Elisabeth Lopes Laudaes	
O sonho do poeta	134
Érico de Carvalho Cramer	
É minha	135
Ernani Guaragna Fornari	
Hino que se cantou na noite do dia 24 do corrente, pela feliz notícia da gloriosa elevação do Sr. Dom Pedro II ao Trono do Brasil	136
Francisco Xavier Ferreira	
Cidade do Rio Grande	138
Frederico Carlos de Andrade	
Ao leitor	139
Hipólito José da Costa	
A máscara	141
João Crisóstomo de Freitas	
Educação alimentar dos tuberculosos – superalimentação	143
João Evangelista Espíndola	
Origens do Rio Grande	145
Joaquim Gomes de Campos Júnior	
Os amores da brasileira	147
José da Rocha Leão Júnior	
Sou triste	148
Julietta de Melo Monteiro	

Anjo ou mulher	150
Luís Canarim Júnior	
O cavalo gaúcho	151
Luís Felipe de Castilhos Goycochêa	
Castelo de Openheim	153
Manoel José da Silva Bastos	
Saudosa expressão da Pátria	154
Maria Clemência da Silveira Sampaio	
Borboletas	157
Mário Aita Guaranha	
Parecer	158
Oswaldo Miller Barlem	
Rio Grande	160
Revocata Heloísa de Melo	
À sagrada memória de minha mãe	161
Rita Lobato Velho de Freitas	
O dedo da vida	162
Rubio Brasileiro Ferreira	
O que é o amor?	164
Victor da Cunha	
À beira-mar	166
Walkiria Neves Goulart Machado	
Minha terra	169
Walter Sinclair Robinson	

POESIAS



Cidade do Rio Grande

Dalva Leal Martins



A cidade que se transforma
Nasceu plantada em areias buliçosas
à rebeldia dos ventos,
entre águas lacustres e marítimas,
difícil de ser domada!
Sua audaz história de 281 anos
contempla a crescente ascensão,
construída por valorosas etnias.
Hoje, por especial posição geográfica,
sua potencialidade marítima,
aos olhos do mundo é admirada!
Histórica e acolhedora, guarda em seus museus
o valor de suas lutas, vitórias e pioneirismo!
Rio Grande, berço de cidadãos ilustres,
Heróis consagrados da pátria brasileira!

Minha terra natal

Dalva Leal Martins



A cidade do Rio Grande
Plantada sobre areia branca e fina,
Sacudida por constantes ventanias,
Cercada por águas marinas e lacustres.
Brava, resistente, heroica, pioneira...
Cresceu altaneira nos seus 281 anos.
Cidade de meus encantos,
De gente simples e hospitaleira,
De marcante história em cada canto,
De singela inspiradora beleza!
Manancial estimável de riqueza
Que suas tranquilas águas encerram
E sobre elas, a poesia navega...
Suave, profunda e bela.
Cidade por São Pedro abençoada,
De longos braços fortes, estendidos...
Abrigados pelo mar desafiante.
Rio Grande, minha terra natal, eu te amo!

Rio Grande amada

Dalva Leal Martins



Rio Grande – berço de heróis!
Impávidos guerreiros de incessantes lutas,
Os guardiões da terra reconquistada.
Grandioso foi o heroísmo demonstrado,
Relevantes foram os feitos das sentinelas...
Avançadas, destemidas e resolutas!
Nunca recuar! Sempre avançar! À luta!
Dessas mesmas ordens, emanava:
Esperança – a certeza na vitória absoluta!
Areias brancas, ventos, águas doces e salgadas.
Muita beleza tem a terra plana dimensionada.
A Rio Grande com sua gente hospitaleira
Descendente de nobres étnicas raízes...
A fecunda e pródiga herança alvissareira!

Rio Grande assim

Edson Costa



Cidade começo
História rica e marcante
Geografia contemplada
Vultos que dignificam
Interesse sempre despertado.
Vento sem trégua
Peixes em captura
Mistura de águas
Gaivotas em voo.

Pessoas diferentes chegando
Comportamentos que se cruzam
Humores instáveis.

Barcos, carros e caminhões
Belezas naturais incontestes
Festas criando tradição
Encantos e mistérios no ar.

Força operária servindo
Máquinas em movimento
Gente que constrói
Líderes que nascem e morrem
Nulidades que chegam ao poder.

Deus, vida e esperança
Desejos que não cessam
Mudanças que se impõem
Vitórias no horizonte além-mar.

A nova terra e o mar

Glecy Therezinha Freitas Andrade



Meu Deus!

Como vim parar aqui, à beira-mar?

Eu que era da serra!

Nem havia televisão para mostrar
o que era o mar.

Tinha a sua grandeza só de imaginação.

Agora, me vejo diante desta imensidão!

Do estrondo das ondas nas tempestades,
das marolas em calmarias,
do chuá, chuá na praia
deixando espumas desenhadas.

Da riqueza na rede dos pescadores,
dos molhes, lá na Barra,
dos navios e barcos ao longe,
da maresia, os odores.

Por que vim parar nesta terra abraçada pelo mar?

Só tu sabes, ó Pai.

Eu, só sei que vivo encantada

pelo fio da meada do destino
que me trouxe para este lugar.
Pai, obrigada!

Castelo da esperança

Glecy Therezinha Freitas Andrade



A casa é pobre,
chão batido,
paredes com frestas.
Na janela, pano estendido.
Na porta, precisa o corpo curvar
como mesura àquela realeza
disfarçada em pobre estrutura.
Mas, é soberana senhora
que dita condutas
a quem, na inércia ali mora
e que vive de esperança:
A sorte há de chegar em suas andanças.

Eterna construção

Glecy Therezinha Freitas Andrade



A consciência de o meu existir
levo a vida inteira para encontrar,
passado, presente, porvir,
para comigo mesmo deparar.
O mundo devo descobrir,
o outro preciso olhar,
perceber a solidão a nos unir
e, então, passar a me encarar.

Dificuldade, fragilidade, luta.
Esculpida na fé, na projeção,
rompendo a matéria bruta
descobri que vida é emoção.
Vida, fragilidade e grandeza,
um mosaico de alegria e sofrimento,
encanto, nostalgia, tristeza,
surpresa, desafio...envelhecimento.

O tempo a todos consome.

O mundo segue sempre girando.

“Dai o pão a quem tem fome.”

O que importa é seguir... amando...

Momentos

Helena Heidtmann Vaghetti



No início, eu contava com um espanto que fosse
E senti tua ausência a trescalar meu ar
Aos poucos, fui me acostumando à nudez da resposta
E fiquei vestindo a realidade de muitos pode ser
Depois, bem depois, busquei uma amurada prá olhar o céu
E dormi sem ver as luas e as marés de janeiro
Por fim, deixei que teus olhos me acompanhassem
E te sonhei imprevisito, quase rebojo
Agora, quando te visito, ainda no encanto da procura, continuo te aconte-
cendo
E o tempo já não me maltrata mais
Te escrevo, inscrevo
E espero.

Só meu

Helena Heidtmann Vaghetti



Ainda que eu sentasse na beira do cais
A buscar os meus perdidos ais
Me vestisse de red
E dançasse no Paço um tango marcado
Jamais serias só meu

Ainda que eu andasse com a turma do Lê
A cantar os meus perdidos ais
Me travestisse de Dona
Com bolsa chanel e brinco cristal
Jamais serias só meu

Ainda que eu guiasse um preto veloz
A fugir dos meus perdidos ais
Me encharcasse de gin
Com duas de gelo e fumaça de efeito
Jamais serias só meu

E mesmo que eu chorasse

Gritasse

Beijasse teus lábios assim

Jamais, ainda, serias só meu

Só meu

O livro

Iracema dos Santos Martins



O livro é um cofre,
cofre de portas sem chave,
depende tanto de quem o segura
como também de quem o escreveu.
Livro é alimento: doce ou não,
saudável ou doentio,
pode ser livro vivo,
pode ser livro morto!
O primeiro não para de falar,
mesmo depois de fechado,
o segundo acorda, desperta e até grita
e não só as mãos que o pegam,
mas o corpo inteiro o põe perto,
principalmente a mente e o coração.
O livro não morre de morte morrida,
é o autor ou o leitor que o mata,
mas, mesmo assim, é um morto que fala,
que grita, que chora, que canta!

À beira-mar

Iracema dos Santos Martins



No imenso teatro da praia
fiquei encantada com a orquestra do mar!
Cada onda tinha uma mensagem
e o conjunto era uma sinfonia,
e nem carecia pedir bis,
pois repetia incessantemente
a mesma melodia!
A espuma branca
parecia o sorriso dos músicos
que, chegando à beira-mar,
esperassem o aplauso da plateia...
e logo voltavam a seu posto
e recomeçavam a tocar!
Esta pura beleza, esta beleza infinita,
só poderia ter um maestro
e, nada mais, nada menos, do que Deus!
Pois foi ELE quem deu voz às ondas,
cada uma trazendo uma mensagem:
um recado, um lamento,

um pedido de socorro
e até um beijo de adeus!
Há muita poesia à beira-mar!
Mas para recebê-la
é necessário que o coração
tenha fones de escuta
e esteja aberto a ouvi-la,
mesmo que nem sempre possa entender.

Catedral de São Pedro

Iracema dos Santos Martins



Pedra, finamente trabalhada,
emoldura o quadro de entrada
em que uma porta de madeira,
logo que o sol ilumina a praça,
abre-se em duas folhas
e deixa ver muitos bancos,
altares, castiçais com velas,
imagens de santos e, ainda,
pelas paredes, os passos da cruz!
A semiescuridão do recinto,
a música sacra em pianíssimo...
e, lá pelas tantas – ó Deus –
o badalar do sino!
Ah! O badalar do sino!
Não é o responsável, mas coopera
para o coração do homem se abrir
e aí, então, bem lá não sei de onde,
vem a história da vida de cada um,
vem, muitas e muitas vezes,

uma lágrima silente,
uma lembrança perdida na saudade,
um Pai Nosso repetido baixinho,
mas que grita – e que alto! –
que todos são irmãos;
uma Ave Maria aprendida na infância,
um Credo que lhe deu a certeza
de que tudo é nada
unicamente DEUS é tudo!

Ao mar do Rio Grande

João Marinônio Carneiro Lages



Conta-me, ó velho Mar, a dor que te lacera,
Esse grito imortal de infinita agonia,
Que do peito te sai como funda elegia,
Nas tardes de Verão, no azul da Primavera.

Sempre desfeito à rocha em lágrimas, vigia
O teu olhar a sombra, a escuridão da esfera,
Quando os polos, à noite, a tormenta exaspera,
E a imensidade treme ao tufão que assobia.

Quem tuas mágoas, altivo Mar Profundo?
Que mistério talvez haverá em teu meio,
Nesse teu seio cruel jamais aberto ao mundo?

E esse grito fatal que, raivoso, elevaste
De onde vem? E esse turvo e insondável anseio?
Ah! que digam, lá dentro, as vidas que tragaste.

O livro dos dias

José Antonio Klaes Roig



Todos os dias são de leitura;
Leitura de mundo e de vida.
Todos os dias são santos, ainda que
Os santos não vivam mais entre e em nós.
Todos os dias são de amor e paz,
Ainda que a amada esteja vitrificada,
Na janela de uma igreja em ruínas,
Prisioneira de um tempo mortal...

No livro dos dias, todos os dias
Escrevo um pouco de mim,
Planto uma árvore no jardim,
Rego um filho para levar adiante
O caminho em linha que hoje teimo em andar...

No livro dos dias estão descritos
Todos os caminhos entre o céu, a terra e o ar...
Nas entrelinhas do texto, no contexto das palavras,
O mar celestial e o céu oceânico são apenas

E tão-somente duas formas de descrever
O mesmo mundo e o seu mirar...

No livro dos dias estão inscritas
Todas as dúvidas e certezas que temos e teremos
Durante toda a vida e mais seis meses...
A vida é um grande livro aberto
A ser descoberto pelo próprio autor.
Nem sempre o narrador e a personagem são os mesmos.
Nem toda escrita é autobiográfica
Nem toda autobiografia é a essência do real...

O que importa é viver, ler e escrever
Em si mesmo o que o mundo e o tempo
Teimam em nos mostrar...
Entre as histórias de gente grande
E o imprevisível jogo do Eu
Pode haver uma grande metáfora infeliz...
Fala-se mais de nós mesmos nas reticências
Do que nas demais pontuações...

No livro dos dias podem existir
Vidas não-vividas, vida reinventadas.
Nem todo poeta é profeta,
Mas a vida só é possível de ser imaginada,
Se antes de escrita é vivida como um livro sem final...

Não há mal em amar

José Antonio Klaes Roig



Há coisas que são
para amar e difundir,
outras de fundir,
de amalgamar...
Quero então poder viver
eternamente numa fundição,
fundir o amor com a paixão...
Sobreviver como a alga
que atravessa o mar.
Não há mal em amar,
mal nenhum em tornar
real a ilusão.

Entre o nome da rosa
e o eco do Um...berto,
nada sei ao certo do amor,
muito mais do que os livros
me ensinaram a sentir, viver...
(Ro)meu coração inquieto

sob o balcão de Julieta
se convenceu há séculos
de que a poesia dos dias
é uma janela sempre aberta
à imaginação.

O Amor é a grande máquina
do tempo
que faz o mundo girar.

O Tempo é a grande máquina
do amor
que faz tudo rodopiar.

Nós - o Poeta -
somos o maquinista,
enquanto todos estão dormentes,
no Trem da Vida,
à procura de um lugar.

Não há mal algum em amar,
mal é tendo sido amado,
ter se tornado um Ícaro
com seu sonho alado,
derretido e desencantado
n'algum perdido olhar.

Foi só quando conheci
o teu mar
que enfim em mim
aprendi a mergulhar...

Mapa dos sonhos

José Antonio Klaes Roig



Ela conhecia a noite
pelo mapa do céu
em seus olhos espelhado;
ele sabia mapear o dia
com o sol em seu ombro esquerdo
pousado e repousado.

Ela se dizia Lua,
para os íntimos
era Lu, ora Ana,
para os demais Lu'Ana mesmo.

Ele, um andarilho,
vivia a esmo e
o próprio nome desconhecia,
mas seu sobrenome,
todos diziam,
era ousaDIA.

O mapa que ele

desenhava no chão
era quase cópia carbono
do mapa dos sonhos que
nos olhos estrelados dela,
brilhava na escuridão...

No mapa dos sonhos,
o espaço é mais que
um risco, um troço, um traço
e o tempo é tecido
como a mais pura seda
da nossa imaginação...

A Noiva do Mar

Marcos Costa Filho



No início era somente areia branca,
tão fina, de grãos tão pequeninos,
levados pelo vento, em viagem franca,
que os cômoros mudavam repentinos.

Nesse tempo o oceano já namorava
com as areias de cristais brilhantes,
nelas batia o sol quando levantava,
deixando as dunas belezas faiscentes.

Nessas areias a Noiva então nasceu,
já esperada e quem sabe prometida,
que ao som do marulho logo cresceu.

Hoje o mar lhe faz a corte e repetida
está a energia de como floresceu
Rio Grande em suas águas, refletida.

Minha Rio Grande

Marcos Costa Filho



És meu torrão natal,
por isso, te amo,
mais ainda, por ti
tenho um bairrismo
de todo incondicional.

Meus sonhos
sobre teu futuro
voam pelo espaço,
varam o tempo
a cruzar os ares.

Fujo do presente
para viver-te no ano
Dois Mil e Trinta e Cinco
e lá te descrevo
como te quero realmente.

Mais além, em outra viagem
fui ao terço final deste século
e vivi em Manuela tua pujança
de Cidade de primeiro mundo,
da qual não esqueço a imagem.

Na verdade, minha querida Cidade,
são estas fugas do quotidiano
que amenizam minha tristeza
de te ver tão sem força, inerte,
sem progresso, uma incapacidade.

Cria-se algo e... passa ao “já teve”
em poucos anos, sem retorno.
E, se eu fosse citar nestes versos
ficaria enfadonho de tantas laudas
necessárias a contar o que foi breve.

Quem sabe, minha Cidade, aconteceu
um desagrado ao Santo Padroeiro,
pois eras São Pedro do Rio Grande
e ao tirar do teu o nome do Santo,
tens o castigo, pois a Ele aborreceu.

Pedido ao padroeiro

Marcos Costa Filho



São Pedro, desta terra Padroeiro,
tanta coisa tenho a te pedir,
que até fico pensando, primeiro,
se vale a pena realmente insistir.

Sei, desde longo tempo, és diligente,
cuidando deste chão abençoado,
que agora, assim meio de repente,
pelo progresso está sendo empurrado.

Meus pedidos nestas quadras não cabem,
são tantos, para cada canto da cidade,
talvez, os mesmos que todos sabem
e listar, te digo que não há necessidade.

Então, meu Santo, cito como único na lista:
desça um raio de luz nas cabeças certas,
para fazer com que as forças vivas tenham vista
que a oportunidade está aqui, de portas abertas.

Amo Rio Grande

Marisa Wilde Rodrigues Pinto



Hoje eu vi uma Rio Grande diferente.

Eu a vi a alguns metros acima do solo.

Já a havia admirado bem do alto, sobrevoando-a a bordo de um avião.

Mas hoje estive apenas a poucos metros acima do solo, então acho que a vi de frente.

E mesmo sob a suave e delicada cortina de gotas de água de uma chuva de verão, eu a vi multicolorida, linda e grandiosa.

Grande como o seu nome: Rio Grande.

E acho que a amei ainda mais.

Bem mais do que já a admirei e amei sob os radiosos raios do sol, à beira-mar, à beira do cais, à beira de suas ruas.

Repleta de cores e odores, eu a vi dividida entre o verde das árvores, o colorido das flores, o branco das nuvens e o azul do mar.

E egoísta sendo, tomei-a como minha.

Minha alma estrangeira, num só repente, sentiu-se em casa.

Então hoje, vendo-a assim, minha Rio Grande, molhada e morna, tranquila e serena, inebriada e feliz, na calma de um sábado à tarde, soube que somos uma só unidade.

A mulher e seu espaço.

A mulher- terra.

A mulher-sentimento.

Orgulhosa de mim mesma.

Orgulhosa de minha cidade.

Em pleno estado de contemplação!

E inebriada, repleta de atavismo, suspirei e declarei o meu amor:

Amo você, minha Rio Grande!

Versos para a Noiva do Mar

Nara Fátima Tavares da Silva



Brincar na Praça Tamandaré
escorregar sorrisos
balançar emoções...

Corriam na Noiva do Mar
todos os sonhos
da minha infância.

Erguer castelos, muralhas
na praia do Cassino
nos Molhes da Barra...

Corriam na Noiva do mar
todos os sonhos
da minha infância.

Chegar até o Superporto
na Lagoa dos Patos
barquinhos de papel jogar.

Corriam na Noiva do mar
todos os sonhos
da minha infância.

Ser artista num papel de rabisco
traços da Catedral de São Pedro
da Refinaria Ipiranga.

Corriam na Noiva do mar
todos os sonhos
da minha infância.

O tempo passa
a infância passa...
ao reservar o direito de sonhar
se permanece com as lembranças
do que passou.

Correm na Noiva do mar
todos os sonhos
da minha infância.

Exortação

Nilza Rita Lourenço da Fontoura



Ontem...

19 de fevereiro de 1737.

Passado que já foi presente.

Presente que foi futuro.

Silva Paes – Forte Jesus Maria José –
os portugueses...

dois séculos de colonização!...

Os planos... As tentativas... A realização.

As dificuldades, as lutas, as vitórias.

O amor, o arrojo, a “garra”!

A fibra, a decisão, o ideal.

Hoje, como passado, eles são nosso orgulho.

Hoje, como presente, eles são nossa alegria.

Seu exemplo será sempre nosso estímulo.

E nós, que hoje somos presente,

que ontem já fomos futuro,

e amanhã seremos passado...

empenhemo-nos em “SER

PRESENTE-DINÂMICO,

PRESENTE-FRATERNIDADE,
PRESENTE-INTEGRAÇÃO,
PRESENTE-CERTEZA”
para que sejamos – no amanhã –
PASSADO de glórias.

O pacificador entenderia

Ronaldo Oliveira Gerundo



Faltou planejar,
ou, quem sabe,
melhor avaliar,
entre tantos que são
os heróis da terra,
para nomes
às ruas dar.
Agrada-me ver,
Silva Paes avenida,
percorrendo a minha terra
e encontrar a Tamandaré.
Mas como entender
o Xavier Ferreira,
conviver, ao lado,
com o Floriano Peixoto?
Pudesse eu decidir,
trocaria alguns nomes:
a Marechal, seria avenida,
Rafael Pinto Bandeira,

para ser paralela
à Silva Paes.
Ambas encontrariam
a Marcílio Dias,
esse valente marinheiro,
que assumiria Gal.Netto
para ficar ao lado
do Almirante Tamandaré.
O Netto, General da terra,
assumiria a Duque,
minha rua de infância.
O Duque, por certo,
famoso pacificador,
apoiaria minha sugestão!

Vagoneta

Ronaldo Oliveira Gerundo



Vento fraco já serve,
pois, se forte fosse
e curva houvesse,
cairia no mar!
Meio-trem, meio-barco!
Trilhos sofre pedras,
por quilômetros adentro do mar.
Caminho único,
com regra de navegar.
Privilégio de quem vai,
quem vem, do trilho sai.
Velas coloridas!
Tac!tac! Lá se vai a vagoneta!
Não sei onde mais tem,
ou se tem igual,
mas no meu Rio Grande
vou vagonetear...
Tac! Tac!
Tac! Tac!

O Rio Grande que vejo

Ronaldo Oliveira Gerundo



Foi Quintana
quem me fez ver,
ainda jovem,
essa dupla dimensão.
Está lá em “Arquitetura funcional”:
Os fantasmas são parte da realidade!
Não há lamento em “Meus lembrares”!
O Rio Grande cresceu
e, por certo, está melhor.
É só o meu ver do que há
e do que havia:
a “Gaston” é a “Gaston”
mas, é ainda a “Dalila”!
Em frente ao Charrua
há, hoje, um terreno.
Amanhã, haverá lá um prédio,
mas era lá a “Associação”!
A bela Bacelar de hoje,
vista no hoje-ontem

- antes do calçadão -
é mais bela ainda...
Câmara do Comércio, sala 4,
será, sempre, o escritório de meu pai.
Eu, há tanto tempo em Porto Alegre,
ainda moro na Duque, 371.
No futuro, o Rio Grande será maior ainda
e eu, mais um fantasma por lá.
Os lembrares fazem parte de nós.
É “a presença invisível das almas...
Tu nem o sabes...”!
Eu o sei,
e sei
que também sabes...

Vidas

Zeni Silveira de Silveira



Vidas cruzadas,
marcadas
sofridas
desnutridas.

Vidas tristonhas,
medonhas
do medo contido,
sofrido.

Vidas sonhadas,
partilhadas
plenas de amor, de carinho
seguindo um reto caminho.

Vidas humanas:
urbanas
suburbanas...

Que lindo seria, se um dia,
as vidas, todas as vidas
formassem unidas,
um grande planeta.
Planeta do Amor!

Quero... querer-te!

Zeni Silveira de Silveira



Quero mudar a velha estrutura,
Ser nova criatura...

Quero meu ser renovado,
Evoluir do passado...

Quero mandar a tristeza embora,
Viver o agora...

Quero sentir o perfume da flor,
(re)descobrir o amor...

Quero esquecer os medos,
Revelar segredos...

Quero segurar tua mão,
Pedir perdão...

Quero seguir em frente,
Amar consciente...

Quero “vestir” a vida nua,
Ser toda tua...

CRÔNICAS, CONTOS
E ENSAIOS



Rio Grande, cidade turística

Dalva Leal Martins



A cidade do Rio Grande, cognominada A Noiva do Mar, é privilegiada pela natureza. Possui atrações turísticas especiais, além de ter um povo hospitaleiro e cordial, e um belo entardecer visto à beira da Lagoa dos Patos. Embora venha sofrendo na atualidade, um alucinado progresso, os pontos turísticos permanecem incólumes: Catedral de São Pedro, Prédio da Alfândega, Museu Oceanográfico, Praia do Cassino, Molhes da Barra, Estação Ecológica do Taim, as Ilhas Torotama, Pólvora, Marinheiros, entre tantas outras da região laguna. Sua posição geográfica, estratégica, originou um importante complexo portuário sulino, um dos maiores da América Latina. Aqui se desenvolveu o Polo Naval Gaúcho oportunizando o maior desenvolvimento citadino até então. Consistiu este local em outro atraente e principal ponto de turismo, sempre procurado pelos visitantes, mesmo tendo sido encerrada suas atividades no final de 2017.

Histórica cidade de 281 anos, de origem portuguesa, berço do Rio Grande do Sul, desenvolvida por diversas etnias que em suas terras aportaram, trazendo a força do trabalho e as ricas características de suas perso-

nalidades.

Uma cidade pioneira - Rio Grande, de região caracterizada por frequentes ventanias e pelo cativante aroma de maresia, possui o mar e a lagoa que a abraçam, a embalam e a fazem progredir. Ela tem em seus registros a praia de mar, Cassino, como o primeiro balneário planejado no Brasil, com a denominação de a maior praia do mundo, cerca de 220 km de extensão. Beleza e encanto refletem em suas ondas serenas, por vezes bravias, irrequietas, repletas de mistérios...

Rio Grande, a cidade de bravos heróis, de gente acolhedora, de encantada magia!

A Violeta: imprensa literária e feminina na cidade do Rio Grande

Francisco das Neves Alves



A escrita feminina esteve profundamente articulada à imprensa literária ao longo do século XIX. Por meio dos periódicos, as mulheres escritoras desenvolviam verdadeira rede de inter-relações que servia para a divulgação de suas obras, vencendo os tradicionais obstáculos de uma cultura de preeminência masculina como era a daquela época. Tal processo histórico também foi marcante no caso da província sul-rio-grandense e em uma de suas mais importantes cidades, a portuária comunidade do Rio Grande. Nesse quadro, teve relevância a atuação das irmãs Melo – Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloísa de Melo, intelectuais e militantes pelas causas da literatura e da emancipação feminina.

Ao final da década de 1870, tal ação ficaria ainda mais evidenciada, quando, entre março de 1878 e julho de 1879, ocorreu a edição do periódico *Violeta*. Tal publicação constituiu uma experiência breve no cronológico, mas com uma especial relevância, uma vez que, além de orientar-se por uma na-

tureza estritamente literária, trazia consigo também um pioneirismo, já que foi uma das primeiras representantes da imprensa feminina no contexto gaúcho. Nesse sentido, a folha tinha um norte editorial voltado essencialmente para o público feminino e seus textos redacionais e colaborações eram elaborados por mulheres. Julieta Monteiro era a proprietária, dirigia e redigia a folha, tendo sua irmã Revocata de Melo como principal colaboradora.

Como era comum à época, a elaboração da *Violeta* era uma atividade praticamente unipessoal, ficando as diversas etapas da redação, revisão, confecção e distribuição do jornal nas mãos da própria Julieta Monteiro. Tal periódico trazia editoriais e expedientes da lavra da redatora e proprietária e sessões destinadas à prosa, à poesia, às correspondências e ao entretenimento, contando com a participação das colaboradoras. Apesar das pequenas dimensões, a *Violeta* obteve significativo êxito, uma vez que, por meio da troca de exemplares, granjeou um extraordinário intercâmbio que atingiu várias localidades gaúchas e cidades nas mais variadas regiões do império, abrangendo quase todas as províncias. Essa permuta não se limitou ao território brasileiro, chegando ao exterior, como foi o caso das cidades de Lisboa e Nova York, contribuindo para a difusão da produção literária feminina gaúcha nos mais variados âmbitos.

A *Violeta* era apresentada no frontispício como periódico literário, crítico e instrutivo, invertendo, posteriormente, para literário, instrutivo e crítico, constituindo um hebdomadário publicado aos domingos. Os principais segmentos do semanário eram “Rosas literárias”, para os textos em

prosa e “Íris poético”, destinado aos poemas. Havia ainda as “Miríades”, trazendo a publicação de correspondências. O título desta última seção aludia a um grande número, dando a entender que a quantidade de cartas era considerável. Tanto a partir do envio de colaborações em prosa ou verso, quanto por meio das tantas missivas, reforçava-se o papel do periódico no estabelecimento de uma rede de escritoras e leitoras com pendores e gosto pelas letras.

A linha editorial do jornal era complementada por tópicos voltados ao entretenimento, com jogos de paciência, charadas, logogrfos, os quais angariavam significativa popularidade. Como redatora, Julieta Monteiro era a responsável pela maioria das matérias editoriais do periódico, bem como do expediente, cujos maiores destaques eram as várias transcrições de outros periódicos e suas recepções quanto à *Violeta* e apreciações do conteúdo dos jornais intercambiados e de livros publicados. Ela também levava ao público os avisos quanto ao funcionamento interno do jornal, aos detalhes dos intercâmbios e aos apelos aos assinantes.

O fato da publicação da *Violeta* constituir uma atividade praticamente concentrada nas mãos de Julieta ficava demarcado nas notas por ela publicadas, visando a combater a inadimplência dos favorecedores, a estabelecer excusas por alguma falha na distribuição/circulação do periódico e a evidenciar os óbices oriundos da dificuldade em obter funcionários. As tarefas eram tantas, que cada momento superado era considerado como digno de comemoração. Nesse sentido, ao completar-se o primeiro mês de existência

da *Violeta*, a redatora, utilizando-se da linguagem figurada relativa à inspiração floral do título do periódico, manifestava a vontade de que o mesmo orvalho que vinha dando vida à publicação até então, continuasse a alimentá-la (VIOLETA, Rio Grande, 14 abr. 1878, a. 1, n. 5, p. 1).

Manter uma folha literária e feminina não foi empreitada fácil, de modo que sua redatora/proprietária buscou colocar em prática algumas tentativas de diversificação no norte editorial da publicação. Passado um interregno sem a circulação do periódico, Julieta Monteiro avisava que, após uma interrupção de três meses, motivada em princípio por desgostos de família e mais tarde por motivos particulares, voltava a aparecer “a singela” *Violeta* a implorar a proteção do público ilustrado. No intento de diversificar, a jornalista anunciava que, como sempre diligenciando por agradar, especialmente ao belo sexo, ao qual se destinava, a redação havia resolvido fazer algumas alterações em seu programa, tais como trazer de quando em quando uma ligeira notícia sobre modas, ou outra qualquer dessas distrações que tanto agradavam a maior parte do sexo frágil. Dessa maneira, pretendia continuar a merecer o franco acolhimento que lhe vinha sendo “benignamente dispensado” (VIOLETA, Rio Grande, 6 abr. 1879, a. 2, n. 43, p. 2).

Outra busca de alternativas ocorreria com o anúncio de que viria a ser distribuída juntamente com a *Violeta* meia folha de papel contendo anúncios, para os quais a jornalista chamava a atenção dos leitores. Ela avisava que tal alteração não traria consigo qualquer alteração de preço, de modo que esperava continuar a merecer a proteção pública. Julieta explicava o

alcance da folha, dizendo que o “jornalzinho” tinha circulação por quase todas as províncias do império e, publicando os anúncios por menor preço que qualquer outro, esperava que a publicação não fosse esquecida pelos assinantes e pelo público em geral (VIOLETA, Rio Grande, 11 maio 1879, a. 2, n. 44, p. 1). O projeto não teve continuidade, tanto que, após aproximadamente um mês, a redatora avisava que infelizmente se vira obrigada a deixar morrer logo ao nascer tal ideia, dizendo-se forçada a assim proceder pela mesma razão que levava à distribuição irregular do periódico, ou seja, a falta de empregados, de modo que, quando conseguisse estar melhor servida, voltaria ao plano (VIOLETA, Rio Grande, 13 jul. 1879, a. 2, n. 53, p. 1).

Julieta Monteiro teve de enfrentar dificuldades de todas as ordens para dar continuidade ao seu projeto editorial, notadamente por causa da concentração de funções executadas pela proprietária. Uma das dificuldades esteve ligada à obtenção de colaborações, principalmente as inéditas. Ela tinha também de obter funcionários e, mormente, exigir um mínimo de competência e até honestidade, como foi o caso de um de seus cobradores que se apropriou da arrecadação da venda de assinaturas, sem jamais devolvê-la, gerando ampla campanha da editora pelas páginas do jornal para obter reparações. Ocorriam ainda problemas de natureza tipográfica, de revisão e até quanto à autoria das charadas. As campanhas para evitar a inadimplência dos assinantes eram também recorrentes.

Entre dezembro de 1878 e abril de 1879, exatamente na passagem do 1º para o 2º ano, segundo a numeração do cabeçalho, a folha passou por

uma interrupção em sua circulação. Tendo em vista tal suspensão, Julieta tomou o cuidado de avisar os assinantes que tinham adiantado pagamento com a empresa, que nada sofreriam os seus interesses, já que haveria o cuidado de indenizá-los pela falta. Na mesma ocasião, notificava os leitores que junto do número daquele dia seria distribuído um outro, que já se achava composto, quando a fatalidade – no caso a morte de seu progenitor – obrigara a suspensão da publicação (VIOLETA, Rio Grande, 6 abr. 1879, a. 2, n. 43, p. 2). No mês seguinte, através de uma nova notificação, a redatora avisava que, devido a um pequeno desarranjo no prelo, fora obrigada a não publicar o periódico na última semana, o que bastante a contrariava. Diante disso, afirmava que da benevolência de seus assinantes esperava merecer desculpas pela falta involuntária (VIOLETA, Rio Grande, 11 maio 1879, a. 2, n. 44, p. 1).

Pouco mais de um mês depois, os problemas continuavam e Julieta dizia que mais uma vez se vira forçada a faltar com a *Violeta*. Perante tal fato, argumentava que era para si bastante sensível a falta desse compromisso, mas, infelizmente vira-se obrigada a incorrer na mesma, justificando que a falha ocorrera por causa da falta de empregados que afligia a empresa (VIOLETA, Rio Grande, 15 jun. 1879, a. 2, n. 50, p. 2). Mas os óbices pareciam ganhar força, tanto que a jornalista agradecia “de coração” aos assinantes pela proteção dispensada ao periódico, mas voltava a pedir mil desculpas pela irregularidade com a qual vinha sendo distribuída a “pequena folha”. Apesar das dificuldades, ela buscava garantir que, com a entrada de novo

mês e trimestre, fazia todo o possível para que não se reproduzissem tais irregularidades, e, ao mesmo tempo, esperava não ser abandonada pelo favor público (VIOLETA, Rio Grande, 6 jul. 1879, a. 2, n. 52, p. 1). Mas esses tantos empecilhos acabariam por abreviar a existência do jornal.

Apesar de tantos obstáculos e da pouca perenidade, a *Violeta* teve um significativo alcance em relação ao seu mote editorial. Tal periódico conseguiu ser muito a contento um representante da imprensa feminina, constituindo-se em um dos percursores nos quadros sul-rio-grandenses. Além da redatora, as tantas colaboradoras que enviavam textos em prosa e poesia, correspondências e peças de entretenimento eram mulheres. Ainda que muitas se utilizassem de pseudônimos ou iniciais, como era muito comum à época, tal constatação pode ser verificada a partir das próprias notas publicadas pelo jornal, evidenciando tanto o rol de articulistas como o público leitor com o gênero feminino. A folha abria um amplo espaço para as colaborações e a maior parte era de escritoras desconhecidas.

Outro dos alcances do periódico esteve vinculado à realização de um constante intercâmbio, promovido a partir da troca de exemplares com publicações de vários lugares. A proprietária fazia questão da manutenção dos intercâmbios, estimulando e agradecendo os parceiros, como ao manifestar a todas as redações dos periódicos com os quais intercambiava o agradecimento pela permuta que tanto lhe honrava (VIOLETA, Rio Grande, 26 maio 1878, a. 1, n. 11, p. 1). Por outro lado, Julieta era incisiva quanto à regularidade dos intercâmbios, chegando a avisar que ficaria suspensa a

entrega do jornal a todas aquelas empresas tipográficas cujas redações não permutassem seus periódicos com a *Violeta* (VIOLETA, Rio Grande, 30 jun. 1878, a. 1, n. 16, p. 1).

Tais trocas eram levadas muito a sério por Julieta, a ponto de ela chamar a atenção de uma redação para a qual desde o começo enviara com pontualidade o seu “modesto jornalzinho”, mas, em contrapartida, não chegara a receber mais que dois números da dita folha. Diante disso, dizia não compreender o que estaria ocorrendo e perguntando quem estaria a encarregar-se de extraviar os jornais (VIOLETA, Rio Grande, 3 nov. 1878, a. 1, n. 34, p. 1). O número de periódicos intercambiados era ampliado constantemente, chegando a ultrapassar uma coluna inteira na exposição de seus títulos. Diante disso foi publicado o aviso que, atendendo a falta de espaço, a redação resolvera dali em diante publicar a revista dos jornais recebidos todas as quinzenas, deixando de fazê-lo semanalmente, como até então (VIOLETA, Rio Grande, 15 set. 1878, a. 1, n. 27, p. 2).

O sucesso das permutas da *Violeta* foi amplamente significativo, tanto que, das vinte províncias que formavam o império, atingiu quase todas. Tal intercâmbio chegou a quatorze dessas unidades administrativas, com destaque para as mais importantes em termos de densidade populacional, caso de Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. As exceções foram as longínquas Amazonas, Goiás, Maranhão e Piauí, além de Pernambuco – única província nordestina não atingida –, e, surpreendentemente a vizinha Santa Catarina.

O maior destaque, como não poderia deixar de ser, foi a própria província sulina, chegando o periódico em várias localidades sul-rio-grandenses, com maior evidência para o litoral e as regiões da campanha e da fronteira. Quanto ao âmbito exterior ao Rio Grande do Sul, a ênfase esteve nas localidades paulistas e fluminenses, seguindo-se as demais províncias. Chamava atenção o aspecto pelo qual as permutas não se davam apenas em relação às capitais provinciais, mas também, e por vezes com maior incidência, em relação às cidades interioranas. Houve também a presença do contexto internacional, com trocas efetuadas em relação às cidades de Lisboa e Nova York.

Por meio da *Violeta*, Julieta de Melo Monteiro demonstrou que a experiência de editar um representante da imprensa literária e feminina poderia ter algum alcance. Ainda que restrito em termos cronológicos, o periódico teve repercussão como um dos projetos pioneiros na conjuntura sul-rio-grandense voltado à difusão da escrita e da leitura feminina. Como proprietária da folha, Julieta assumia as funções de gerenciamento do escritório e da oficina, bem como a da organização, redação, seleção e revisão dos escritos, sem deixar de lado a distribuição e circulação dos exemplares e a cobrança e manutenção das assinaturas. Além disso, empenhou-se arduamente em conseguir uma significativa amplitude de permutas, de modo que transformou a *Violeta* em um eficiente veículo destinado a difundir a literatura e a escrita feminina.

Sonhos na lagoa

Gilson Borges Corrêa



Gosto de observar o cais. Dá-me uma sensação de abandono e uma certa melancolia boa. Não sei se pela partida e chegada dos barcos ou por recordações do passado. Coisas boas que se foram, ocultas num cantinho absorto, sem que se dê vazão a sua presença. Às vezes passeio pela doca, observo de longe o brilho do mar reluzente, sol a pino e dia claro. Ou até mesmo quando nuvens escurecem a lagoa, tenho prazer em alastrar o olhar e observar nas sombras que se moldam nas ondas, pequenas figuras que se evadem de meus sentimentos. Quem sabe, um barco há muito tempo não aportou por ali, trazendo além de granjeiros ou pescadores, donas de casas, crianças a reboque chegando na cidade, despejando os sonhos ansiosos antes apenas mergulhados na imaginação. Ou os que partem, barcos repletos de mantimentos, ferramentas ou utensílios de cozinha. Mulheres que acenam para os que ficam e descem inseguras no molejo das ondas. Acocoram-se nos bancos de madeira, molhando os pés nas águas que invadem os barcos. Revisam as compras, espiam o mercado, investindo em compras futuras. Quem sabe voltarão no próximo mês carregando além das

esperanças, novos caminhos que talvez partilhem dali em diante. Ou talvez, voltem para suas terras: ilhas de margens tranquilas, casinhas acenando entre madeira e tijolo, redes espalhadas por gramados, plantações. Lá vão elas, mulheres, crianças, compras, sonhos, poesias na lagoa. Homens que passeiam seguros e firmes de um barco a outro, carregando consigo as lembranças da cidade, os amigos que encontraram, cuidadores de carros que não são seus, os peixes que transitam em suas cestas de desejos: trocas perfeitas de suas necessidades, que se alternam com as contas, o médico, os impostos, a poupança. E lá se vão e voltam no outro dia, assim como o sol, que hoje se alterna com as nuvens escuras, lá longe, mas que de vez enquanto, empurra-as para o lado e surge majestoso, vermelho magenta, fenecendo aos poucos, vencido pela hora. E a lua sobressai, discreta. Mas agora, é melhor avistá-la da janela. Não dá pra enfrentar outros sonhos que já foram quebrados. Melhor não dividir a rua, muito menos a noite.

O impacto que a miséria causa

Glecy Therezinha Freitas Andrade



Pensando em uma mãe em dificuldades fui procurar sua casa naquela área da periferia do balneário. Pergunta aqui, indaga ali, até que a localizei na rua estreita, pobre e suja. Ali o serviço de coleta do lixo é luxo. As casas miseráveis são tão próximas que parecem de “telhado em fita”. Os terrenos foram sendo ocupados ao longo do tempo. São de posseiros. Quer dizer dos que se apossaram.

Bati palmas e quem eu procurava apareceu. Talvez, pelo meu olhar curioso e a nossa convivência no Grupo de Mães, disse para eu entrar. Foi como se eu entrasse em uma caixa de “Eucatex” dividida em três pequenas peças e a latrina que me chamou a atenção por ser um avanço suspenso para fora da casa, como em outras casas da área. Então, essa moradora explicou que aquela rua é paralela ao arroio e assim, o material defecado, cai direto no arroio cuja água leva tudo para o mar, logo adiante. Na casa vivem cinco pessoas, sendo uma menina adolescendo. Duas filhas já bateram asas quando engravidaram e já lhe deram nove netos. Muitas vezes alguns ficam em sua casa quando uma delas precisa sair por necessidade.

Trabalhar e estudar é impossível. Não há creche nos arredores.

Essa mulher, como tantas outras que frequentam o mesmo Grupo, também foi mãe adolescente. Ela parece conformada com a vida que leva. O marido tem uma carroça e o cavalo para biscates que estão rareando, pois ele está com sintomas de esquizofrenia. Ela só não está de “mãos atadas” porque em casa e no Grupo tricota sem parar e o resultado são vistosas colchas e mantas, cuja lã ela obtém recolhendo peças jogadas no lixo, nas valetas e cômodos, após o uso. Ela recolhe e lava as peças, desmancha e forma robustos rolos de lã para tricotar. Raramente ela vende uma peça, mas ela não pode parar. É compulsão. Nas reuniões semanais no Grupo ela encontrou outras formas de terapia: o convívio com outras mães o artesanato, o canto coral e o coral cênico. Também participa do momento literário.

Como coordenadora limito visitas como essa só a momentos específicos, pois estaria a mercê das minhas emoções a ponto de abandonar o projeto diante da realidade da miséria extrema e suas consequências. Eu sei que o projeto não vai salvar o mundo, mas cada uma dessas mulheres que conseguir crescer e acreditar na superação vai melhorar sua autoestima e autodeterminação. E, possivelmente, terá outro olhar para sua família como fonte da dignidade humana, onde se formam laços de fraternidade, solidariedade, amor e respeito que irá influenciar o mundo ao seu redor.

Espelho

Helena Heidtmann Vaghetti



O Homem barbeava-se com uma Gil de várias vezes. No espelho, uma imagem cansada. As olheiras escorriam pelos zigomas que se salientavam do resto do rosto. A boca, bonita. Os olhos, pretos e grandes. O conjunto, harmonioso.

Quando ia retirar o último resquício da espuma, o sangue escorreu-lhe pelo queixo anguloso: - Droga!

Pegou a toalha e pressionou o ferimento com força. Depois, retirou devagar a contensão e viu a pele machucada e desfocada, no espelho embaciado.

Do banheiro à cozinha: copo de leite, pedaço frio da pizza de ontem. O Homem engoliu o leite, jogou a pizza na lata ao lado da pia e foi à sacada. Respirou fundo mesmo sabendo que o vento vinha de oeste. Olhou as torres da igreja, as copas das árvores e sentiu-se pleno.

Dormira com Ela novamente.

Não sabia bem a que horas ela chegara, nem quando fora embora, mas seu cheiro ficara impregnado nos lençóis, nos travesseiros, no ar, no corpo.

Isso vinha acontecendo há algumas semanas. Na primeira manhã, o Homem não quis entender o que se passara. Era um filme mal revelado, mas que, aos poucos, passou a fazer parte de todas suas noites.

Quando Ela aparecia - e Ela aparecia sempre - o Homem acariciava o corpo apessegado e deleitava-se nos lábios, assim, açucarados.

Com o passar dos dias, o Homem já esperava excitado a hora de dormir. Deixara de tomar o Valium 10 desde que a loira aparecera. Era só deitar, relaxar e lá estava Ela. Linda, grande, mais carnal que fictícia. Mais sensual que meramente antiansiolítica. Tinha as pernas longas, os flancos arredondados e os seios de maçã. Chegava languidamente. Contava as coisas do dia e gargalhava do assombro do Homem. Se amavam, se entregavam, se repartiam.

Na segunda semana, Ela deixara escrito, no espelho do banheiro, com batom vermelho, um sutil te amo.

O Homem estava cada dia mais apaixonado. Eles já jantavam juntos, escutavam o Chico, cantavam os Beatles e olhavam as estrelas. Faziam juras e promessas. Pensavam, até, em ir ao Rio assistir os Rolling Stones.

Na terceira semana, o Homem deixou, propositalmente, a porta do apartamento trancada com a chave. Mesmo assim, Ela apareceu majestosa. Pela manhã, quando verificou a fechadura, o Homem encontrou-a aberta e um bilhete, esparramado no trinco, dizia estar a chave na caixa da correspondência.

Assim, o Homem queria dormir o dia todo; queria concretizar a loira;

queria ficar para sempre com Ela.

Não achava mais graça nas mulheres do escritório que se insinuavam convidativas. Respondia avermelhado: - Tenho compromisso... . E corria para casa. Para deitar, ou melhor, já nem precisava mais se deitar para Ela aparecer.

Mas nesta manhã, olhando a cidade de cima, percebeu que sua vida se resumira num sonho. E, de sonhos, ele já vivera lá em 70.

Vestiu-se tranquilamente e tomou a rua. No escritório, sentiu-se mais leve. Deu em cima da morena da contabilidade, mas ainda se sentiu incerto. À tarde, convidou-a para jantar. Às nove, pegou a morena que cheirava doce demais. Mas, não se achava, assim, à vontade. Faltava-lhe alguma coisa. Bem sabia o quê era, mas tentava dissimular. Às onze, largou a morena. Sem beijos, nem afagos, nem promessas.

Voltou para o apartamento com o coração apressado. Pegou o Valium e hesitou rolando o comprimido na palma da mão. Um, dois, nenhum, a loira, o vazio? E se estivesse pirando?

Optou por não tomar o remédio. Deitou e retorceu-se na cama que ainda guardava o cheiro bom da amante.

Quando levantou de manhã, o corpo doía da noite mal passada. A cabeça embaralhada pelos sonhos que tivera. Sonhos... sonhos de verdade.

No espelho do banheiro, o carmim ainda cintilava: - Sou tua única!

O Homem sorriu gostoso e, num arroubo de paixão ou delírio, jogou a cartela de Valium 10 na lata do lixo limpo.

O navio encalhado

José Antonio Klaes Roig



“Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo
gasta, tudo digere, tudo acaba”

PADRE ANTONIO VIEIRA

Naquela manhã fria de inverno, o mar estava encapelado, qual os cabelos desgrenhados de uma jovem mulher que acordou de manhã e descobriu que o companheiro havia partido pra nunca mais voltar.

Insônia era seu nome e durante aquele dia, a bela mulher, aparentando trinta anos, corpo perfeito, olhar incerto, perdido na linha do horizonte, com o arco da saudade distendendo longe a flecha do amor, não conseguiu entender o que havia acontecido para que Aleph tenha sumido sem deixar vestígios, como que dissolvido em pleno ar.

Nos dias e noites que se seguiram, como um trem e seus inúmeros vagões, seus sentimentos confusos, praticavam esgrima com a crescente desilusão. Não podia acreditar que seu grande amor havia partido sem deixar sequer um bilhete de adeus. Logo ele, um náufrago feliz, único sobre-

vivente entre tantos que por ali sucumbiam à ferocidade daquelas águas de março a março, bravias como a onça-pintada, quando acuada numa jaula.

Insônia, em uma noite de temporal, tinha acolhido aquele estranho em sua casa, feito-lhe pão e servido-lhe vinho, além de oferecer o corpo nu para agasalhá-lo do frio intenso e da cruel solidão.

Naquele dia, precisamente, ocorreu um dos piores naufrágios que aquela praia do Mar Grosso havia presenciado, desde que Deus fez a luz, os mares, os rios, os animais e aves, as praias, os homens e as mulheres; além de ter-lhes dado a inteligência e a ambição.

Do navio encalhado só restara o esqueleto, a carcaça. Da tripulação do mesmo, somente Aleph sobrevivera, vindo seu corpo inerte dar à praia, quando ele julgava não ter mais salvação. A visão daquela mulher foi uma benção para seus olhos marejados de emoção. Não entendia o que fazia uma linda moça como aquela, num lugar descampado, que nem sequer nos mapas aparecia. Não sabia se ali era o continente ou alguma Ilha da Fantasia. Só podia ser um milagre de Nossa Senhora dos Navegantes, sua santa protetora. Enquanto reza a sua madrinha, agradecendo pela própria vida salva, a mulher julgou que aquela reza era algum tipo de canção, e colhendo-o nos braços fortes e peitos fartos, se pôs a embalar aquele homem sedutor.

Aleph, meio sonolento, meio extasiado, sem saber ao certo se aquilo tudo era um sonho ou uma miragem, aproveitou para relaxar o corpo e seguir naquele leve embalo que parecia como balanço breve do mar, antes de um temporal surgir do nada. Assim ficou por horas, até que o sol se es-

preguiçou na linha do horizonte, colorindo toda a manhã com seus raios e flechas, de cupido solar. Quando no seu corpo o sal da terra e também o do mar começaram a secar e a queimar, fazendo seu corpo amolecer, qual carne na panela de pressão, ele abriu de novo os olhos e ali ao seu lado estava ela, Insônia, bela mulher a lhe observar.

A mulher ajudou o marinheiro a se levantar, ainda tonto, com as pernas fracas, bamboleantes, olhar perdido, procurando algum dos companheiros, algum amigo, mas, ninguém sobreviveu. Seus corpos estavam espalhados por centenas de metros na beira da praia, já só na carcaça; mas, a mulher, muito precavida, preferiu fazer um atalho, e levá-lo direto para sua casa, poupando a Aleph da tristeza de saber da mortandade que se abatera sobre aquela Terra do Deus-dará...

Os dias e as ondas seguiram a brincar pela beira da praia do Mar Grosso, enquanto o jovem na casa da bela sereia, de nome Insônia, continuava a se recuperar. De dia ele saía para pescar. De noite, ele ficava na casa até escurecer, esperando o céu acender suas luminárias para sua dona poder namorar. Assim passaram-se os tempos, até que os ventos mudaram de novo de direção, trazendo àquela misteriosa praia mais um naufrágio, desta feita sem nenhum sobrevivente entre os corpos sem vida que cobriram centenas de metros de praia inexplorada...

Aleph, com tempo de sobra para nadar e nada, nada, nada fazer — além de pescar e namorar —, começou a se indagar da origem daquela misteriosa mulher, daquela misteriosa praia, daqueles misteriosos naufrá-

gios, do tempo que nunca passava quando ele se abraçava à bela mulher e ela trançava as belas pernas às suas costas, fazendo qualquer navio que por ali passasse (se tudo aquilo pudesse adivinhar!), viesse à frente de sua casa largar a âncora funda às margens daquele imenso mar-oceano de Camões...

Insônia, parecia nunca ter sono, mesmo quando de dia sumia atrás de uma duna e só voltava quando a noite descia, junto com a lua, sobre o mar... Aleph, então, começou a maquinar um plano para descobrir o seu segredo. Na próxima manhã fingiria dormir até tarde para poder seguir Insônia aonde quer que ela fosse vagar. Naquela noite, estranhamente, o mar rugia menos, o vento assobiava baixinho, a areia não entrava na casa, mesmo tendo inúmeras frestas, o tempo se escorou numa rede preguiçosa para descansar...

Quando Aleph deu-se por conta havia cochilado também. Sua bela companheira havia sumido sem ele ver. Mas, do lado de fora havia deixado suas pegadas na areia. Seria fácil descobrir onde ela estava, bastava seguir seus rastros. Como o Sol estava forte, Aleph encheu seu cantil d'água e foi ao encontro da mulher misteriosa que havia lhe salvado a vida, lhe dado abrigo, amor e carinho, mas que não lhe dizia nada de seu passado, tudo sepultado sobre uma enorme duna, se deslocando dali pra cá e de lá pra aqui, ao sabor dos ventos, dos sentimentos e do próprio mar.

Aleph, então, seguiu os rastros da mulher, até onde o vento e o mar deixaram, mas depois daquele ponto em que a natureza tudo apagou com sua mão invisível, não conseguiu ir adiante. O Sol forte cegava-lhe os olhos. Ao fazer com a mão direita uma proteção, conseguiu ver lá bem longe, no

fim de um arco-íris gigante que não havia percebido ali antes, a silhueta de um navio encalhado na beira da praia do Mar Grosso... O marinheiro correu para lá com as forças renovadas de quem descobrira que o amor daquela mulher havia lhe salvado de um terrível naufrágio, apenas algumas semanas antes, quando ele, e somente ele, havia sobrevivido; quando toda a tripulação restante tinha perecido, sem deixar rastros nem explicação.

O Sol forte na cabeça embrulhou sua visão, as pernas enfraqueceram novamente, seu corpanzil tombou como um saco de batatas ao chão, ficando desmaiado até a noite trazer a lua para se banhar no mar. Quando isso aconteceu, o marinheiro abriu os olhos e viu de novo seu corpo a ser embalado pela bela morena, como se tudo houvesse se repetido, como uma música rodando num disco arranhado pelo mesmo sulco partido, indo e voltando, sem do lugar se afastar. Não quis fazer pergunta alguma à bela mulher, quis apenas em seus braços fortes e peitos fartos se aconchegar. Ficou Aleph com receio de ter que descobrir tardiamente o que já suspeitava: um dos dois não era real. De verdadeiro ali, apenas o grande amor que os uniu, no tempo e no espaço, desafiando as leis da Física, numa reação química sem nenhuma explicação satisfatória ou plausível das Ciências Exatas para confortar seu descompassado coração.

Então, os dias e as noites, o vento e o mar, a mulher e o homem, continuaram a se revezar naquela história, cada qual seguindo à risca seu papel, como num grande teatro ao ar livre, com medo de que se um mudasse uma frase, uma palavra, uma vírgula, tudo aquilo que lhes nutria — e lhes

mantinha numa espécie de estado de suspensão — pudesse ruir como um castelo de areia na beira do mar...

Qual dos dois amantes era real? Isso nenhum dos dois quis descobrir, para não ter que chorar a perda de um amor-perfeito, colocado dentro de um vaso de barro na janela de sua casa, onde toda tarde, fizesse chuva ou sol, vinha um pequeno beija-flor ali àquela flor sugar, beijar... Então, tudo continuou a se repetir: o Dia despertando a Noite; o Sol cobrindo a Lua; o Amor regando a Paixão; o Tempo fazendo companhia para a Solidão.

Talvez, nenhum dos dois fosse verdadeiramente de carne e osso. Quem sabe, os dois, realmente, fossem o complemento um do outro; mas, preferiram conviver com a dúvida, mesmo sendo de mundos opostos — qual a Loucura e a Razão —, deixando para o tempo (doutor e remédio pra todas as doenças do mundo) curar as cicatrizes e as feridas um do outro, sem nunca virem a saber qual deles era água, qual era fogo, qual daqueles “pequenos universos”, infelizmente, era fruto de uma doce e perdida ilusão...

A imprensa satírico-humorística rio-grandina: uma introdução ao estudo da *Comédia Social*

Luciana Coutinho Gepiak



A cidade do Rio Grande teve ao longo do século XIX uma imprensa extremamente desenvolvida, estando à altura do jornalismo praticado nas maiores cidades brasileiras. Foram vários os gêneros e estilos jornalísticos praticados na cidade portuária, como os noticiosos, os político-partidários, os literários, os ilustrados e aqueles que representavam determinadas categorias sociais ou profissionais. Dentre estas várias maneiras de fazer jornalismo, houve também um grande destaque para os periódicos voltados às práticas satírico-humorísticas, os quais sustentavam um estilo mais crítico e ácido.

A imprensa voltada ao humor ganhou o gosto do público leitor em termos mundiais e tal prática jornalística acompanhou também a evolução do periodismo brasileiro. Ao longo do século XIX, notadamente na sua segunda metade, o Brasil viu nascer uma grande quantidade de publicações

humorísticas e/ou ilustradas, cujos padrões editoriais eram predominantemente voltados a um jornalismo crítico-opinativo e essencialmente jocoso. Tal expansão também se daria na província do Rio Grande do Sul, surgindo publicações caricatas e satíricas, especialmente nas três principais cidades gaúchas de então – Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas. A cidade do Rio Grande teve uma imprensa bastante desenvolvida à época, inclusive no que tange aos caricatos, caso do *Amolador*, do *Diabrete*, do *Maruí* e do *Bisturi*, os mais conhecidos. Mas outros títulos do mesmo gênero também se fizeram presentes nesta localidade, como foi o caso do semanário humorístico *Comédia Social*.

Surgida em 2 de outubro de 1887, a *Comédia Social* começou a circular como um típico jornal caricato, dividindo suas quatro páginas meio a meio entre a parte textual e aquelas destinados aos desenhos. Apresentava-se como uma “folha ilustrada”, tinha “tipografia própria e era assinada por 4\$000 (trimestre), 8\$000 (semestre) e 15\$000 (ano)”, além de oferecer o número avulso por 500 réis. A publicação complementava sua arrecadação com a oferta de serviços, propondo-se a realizar “todo e qualquer trabalho de tipografia e litografia”. O periódico “não identificava seu proprietário ou o responsável pela redação, o que era, naquele momento, contrário à lei”. Além dos desenhos caricaturais, apresentava “seções literárias e de humor, com piadas e charadas” (ALVES, 1999, p. 217-218). A partir de abril de 1888, a *Comédia Social* passou por uma mudança de formato, deixando de publicar desenhos e voltando suas quatro páginas à edição de textos.

Apesar da mudança de configuração gráfica, a *Comédia Social* não abandonou, entretanto, a característica satírico-humorística, passando a intitular-se no cabeçalho como “folha literária, crítica e humorística”. Os valores da assinatura também foram alterados, com uma redução, ficando a anual por 10\$000, a semestral por 5\$500, a trimestral por 3\$000, e 300 réis o número avulso. Continuou não identificando os responsáveis pela edição, embora, desde então, tenha declarado que era impressa na Tipografia da *Comédia Social* de Pinto Monteiro.

Como autêntico representante da pequena imprensa, o periódico teve amplas dificuldades para sobreviver, havendo inclusive falhas na circulação. Tantos obstáculos levaram a uma curta existência, tudo indicando que ela não circulou além de agosto de 1888, não chegando, portanto, a um ano completo de edição. Esta “curta sobrevivência não diminui a importância e o significado da pequena imprensa, a qual marcou sua presença na formação de hábitos e mentalidades”, além de exercer “influência nas maneiras de agir e pensar e, enfim, prestou sua contribuição para moldar a opinião pública” (ALVES, 1999, p. 364). Foi o caso da *Comédia Social*, aqui pesquisada através dos dezessete exemplares remanescentes na hemeroteca da Biblioteca Rio-Grandense.

Como folha caricata e/ou satírica, a *Comédia Social* sustentou um discurso fortemente opinativo, embasado no humor e na crítica, utilizando-se para sustentar tais fundamentos discursivos das mais variadas estratégias textuais e gráficas. Na condição de representante da “pequena imprensa,

caracterizou-se pelos discursos ambíguos e paradoxais”, estando ligada “às várias formas de contestação, lançando mão de pronunciamentos marcados pelo debate, pela polêmica, pelo humor, pela sátira, e, fundamentalmente, pela crítica”. Tal folha desenvolveu “condutas que se constituíram em verdadeiro paradoxo discursivo”, vindo a utilizar “as mais variadas formas de expressão escrita e gráfica”, bem como “figuras de linguagem e construções discursivas encravadas no simbólico, na busca de apresentar a informação/opinião e de convencer o público leitor” (ALVES, 2001, p. 153-154).

A *Comédia Social* trilhou tais caminhos, utilizando-se, em sua primeira fase, de desenhos debochados, corrosivos e desafiadores e, tanto nesta quanto na sua segunda etapa de existência, já sem as páginas ilustradas, de textos carregados de humor, fosse ele refinado, irônico ou escrachado. Com o fito de apresentar o jocoso, o semanário usou formas, figuras e simbolismos os mais variados e uma de suas principais marcas editoriais foi a intensa utilização de textos poéticos em suas páginas. Assim, o periódico humorístico reproduzia com intensidade uma prática comum a muitas das publicações de então.

Nessa época, “a poesia foi usada em larga escala e com os mais variados objetivos pelos jornais que viam nesta estrutura uma forma de apelo visual e linguístico e de atração dos leitores”, de modo que ela “foi utilizada de maneiras as mais diferenciadas pelos periódicos”. Em tal caso estiveram as folhas satírico-humorísticas “que se apropriavam da poesia para os mais variados usos (e abusos)”. Nesse sentido, “escrever em versos, por meio da

palavra ritmada, significava uma estratégia discursiva utilizada com os mais variados fins e de forma constante” (ALVES, 2001, p. 154) por muitos dos representantes do jornalismo do século XIX.

Nas páginas da *Comédia Social* houve as mais variadas maneiras de utilização do texto poético, em grande parte associado ao conteúdo crítico, satírico e humorístico que caracterizava o plano editorial do periódico, não deixando também de haver a inserção de poesias não necessariamente ligadas ao gênero jocoso da folha. As autorias eram as mais variadas, aparecendo desde o anonimato até a utilização de grande quantidade de pseudônimos, muitos de inspiração espirituosa, conforme as características do próprio semanário – que por si só já era demarcado pela não identificação dos responsáveis pela sua edição. Além disso, autores mais conhecidos ou consagrados também tiveram suas poesias publicadas na *Comédia Social*.

Dessa maneira, os textos poéticos – não necessariamente observados como a concepção artística formal que cerca a poesia em si e sim como uma criação, na maioria das vezes pragmática e utilitarista – preencheram muitas das páginas da *Comédia Social* e foram utilizados das mais variadas maneiras e em diferentes situações. Em linhas gerais, as poesias serviram para que o periódico repassasse ao público suas informações de linha editorial e mesmo os serviços oferecidos pela sua oficina, bem como para realizar a crítica social e de costumes, tão típica dos semanários humorísticos de então, para levar em frente algumas práticas que bem lembravam a pasquinagem, para pronunciar algumas mensagens de ordem sentimental e mesmo

para expressar a matéria publicitária publicada em suas páginas.

Tais textos versificados, se observados de um modo mais purista, nem poderiam ser considerados manifestações artísticas poéticas propriamente ditas e sim apropriações dos versos para um uso utilitarista. Nesse sentido houve até uma “esterilidade no aspecto artístico das poesias, nenhuma preocupação com estilo, métrica, escolas literárias e, certas vezes, nem com a própria gramática”. Assim, o que ocorreu, foi “uma utilização objetiva, direta e pragmática” do texto em versos, pois, o “que se pretendia era passar uma mensagem que, ritmada, permitia uma comunicação mais apelativa” (ALVES, 2001, p. 161).

Ainda assim, os versos tiveram uma importância muito grande na estrutura editorial da *Comédia* se fazendo presentes em praticamente todas as edições, ficando desse modo evidenciada a relevância do texto versificado para a *Comédia Social*. Ao publicar versos, a meta do hebdomadário era “chamar e/ou prender a atenção e, se possível, alojar-se na memória mnemônica do público leitor” de maneira que assim surtisse “em muitos momentos, um efeito mais imediato e incisivo que as longas matérias editoriais ou informativas”, normalmente editadas pelos diários, “constituindo-se, portanto, em excelente estratégia discursiva para os padrões de então” (ALVES, 2001, p. 161). Fosse de maneira editorial, crítica, caricatural, desafiadora, provocativa, artística ou utilitarista, à sua maneira, a *Comédia Social* contribuiu com a divulgação de textos poéticos junto à sociedade rio-grandense do final do século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999.

ALVES, Francisco das Neves. Usos e abusos da poesia no contexto da imprensa rio-grandina: uma introdução ao tema. In: ALVES, Francisco das Neves; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (orgs.). *História & literatura no Rio Grande do Sul*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 149-161.

Ajude-a São Pedro – ela tem 281 anos

Marcos Costa Filho



São Pedro, és Padroeiro desta terra papareia. Desculpa-me o atraso ao fazer esta prece, costumeira todo ano em fevereiro dezenove. Não foi esquecimento, muito menos descaso. Andei muito atarefado, até um pouco cansado. Sei bem que a fé move montanhas e por que não, também problemas? E por isso cá estou a rogar que consideres em tempo meu pedido.

Todo ano muita luz peço que faças chegar quotidianamente às cabeças dirigentes desta terra “simples mas boa”. Agora, porém, é complicado, problemas mais preocupantes me levam a pedir-Te duplicado esta dose anual de lucidez.

Por outro lado, enquanto esperamos como munícipes, pelas providências geradas nas cabeças iluminadas, oh!... meu Santo, que venha diretamente de Tua benevolência um amparo contra os perigos tantos que no quotidiano estão de emboscadas.

Proteja-nos ao transitar pelas ruas de noite ou de dia, pois não se vê agora de modo ostensivo um policial sequer na prevenção das falcatuas dos meliantes a solta e a qualquer momento a aparecer e não raro a ceifar vidas a qualquer hora. Perdemos todos a paz que tínhamos outrora!

Proteja-nos para que não haja acidentes, pois sendo fatais, os corpos jazerão horas e horas estendidos no chão, até que da cidade vizinha aqui chegue a perícia para resolver a liberação.

Proteja-nos de todas as maneiras. Não permitas, com Tua força lá do céu, haja por menor que seja, aqui um incêndio. Não adiantará ligar para a emergência pois mesmo com rapidez e diligência uma guarnição com cinco bombeiros, de certo, pouco amenizará um fogaréu.

As estações dos bombeiros fechadas no Cassino e no trevo lá da entrada, ao vê-las assim de portas cerradas, assustei-me e em primeiro pensamento lembrei-me: oh!... São Pedro, das chaves que portas em teu chaveiro celestial, possa uma abrir as cataratas do céu. E, Te peço usá-la em minha Rio Grande caso venha um ígneo sinistro a ocorrer.

Não nos deixe adoecer, é muito sério um hospital a agonizar ante os pacientes. A Santa Casa em tremedeiras frequentes assusta muito mais do que se estar doente. Aonde iremos se surpresos infortunados, uma enfermidade pintar com sua desgraça? Por consolo só teremos o banco da praça?

Não vou continuar, meu Santo Padroeiro, pois sabes bem que eu levaria o dia inteiro a Te pedir e pedir me tornando inconveniente com

grave risco de esgotar Tua paciência. Mas reforço meus rogos pura e simplesmente: ponha minha Rio Grande em especial roteiro, com urgência, na agenda do amparo da Divina Providência.

Riachuelo e Marcílio Dias

Péricles Antônio Fernandes Gonçalves



Independente em 1811 o Paraguai, antiga província do Vice-Reinado do Prata, ficou, pouco depois, sob a ditadura do doutor José Gaspar de Frância e, como consequência de sua política externa, isolado completamente do convívio de outros países, inclusive dos seus vizinhos, exceção feita ao Brasil.

O sucessor de Frância, Carlos Lopez, continuou, embora atenuando a política de seu antecessor. Foi durante o período em que se encontrava à testa do governo do vizinho país que aconteceu a declaração de reconhecimento de sua independência pelo Brasil. Com a morte de Carlos Lopez, subiu ao poder seu filho Francisco Solano Lopez, cujo sonho era a constituição de um grande império, com a anexação do Uruguai e das províncias argentinas de Corrientes e Entre Rios, das Missões e da ilha de Martin Garcia, estrategicamente situada à entrada dos rios Paraná e Uruguai.

Para atingir a consecução de seus objetivos, Solano Lopez não mediu esforços para armar fortemente seu país, a fim de que pudesse impor a política do “Paraguai-Maior”, sua acalentada ideia expansionista, frente à qual

o Brasil constituía-se num considerável óbice.

Quando o Império foi forçado a intervir na luta contra Aguirre, no Uruguai, Solano Lopez ofereceu sua mediação, que não pôde ser aceita, fato que provocou, alguns meses depois, seu protesto contra a guerra. Ele intitulou-se, então, “defensor da independência e do equilíbrio político das Repúblicas Platinas”, em irritante nota que, no dizer de Euclides da Cunha, “repassava de afrontosas ameaças que orçava por uma declaração formal de hostilidades”.

Embora as relações entre Brasil e Paraguai permanecessem, aparentemente, amistosas, no dia 11 de novembro de 1864, o Brasil foi agredido pela apreensão, por parte da frota paraguaia, do vapor “Marquês de Olinda”, que navegava pelo rio Paraguai, rumo a Mato Grosso, levando a bordo o presidente daquela Província, Coronel Carneiro de Campos, que morreria mais tarde na prisão. Era a guerra surgindo no cenário sul-americano, ferindo nossos sentimentos essencialmente pacifistas e, pelas mesmas razões, constituindo-se para nós num fato insólito.

E o sonho expansionista de Lopez passou do campo da pretensão para o da ação. “El Supremo”, como chamavam os paraguaios a Solano Lopez, invadiu o Mato Grosso, o Rio Grande do Sul e atravessou o território de Corrientes, que também ocupou, em flagrante desrespeito à neutralidade da Argentina, fazendo que Buenos Aires se aliasse ao Brasil e provocando, ainda, por via de consequência, a adesão do Uruguai. Formava-se assim a Tríplice-Aliança contra o ditador.

E os combates sucederam-se. Foram cinco anos de feitos brilhantes, confrontos renhidos e épicas batalhas: Corrientes, São Borja, Riachuelo, Mercedes, Cuevas, Iataí, Uruguiana, Itapiru, Redenção, Tuiutí, Humaitá, Itororó, para citar algumas.

Cada vez que lembramos esses confrontos, nós, rio-grandinos, lembramos de inúmeros conterrâneos que deles participaram. Alguns ficaram no anonimato e outros despontaram no elenco de heróis brasileiros, dentre eles um humilde marinheiro, que nesta terra nasceu e motivou-se a ingressar na marinha do Brasil, sendo conhecido como o Imperial Marinheiro Marcílio Dias.

A extraordinária significação da batalha do Riachuelo impele-nos à reverência e à gratidão, porque em seu âmago vivem aqueles que lutaram e tombaram em defesa da honra e da justiça, traçando rumos mais altos à soberania e à liberdade pátrias.

Cento e cinquenta e três anos são passados desde aquele calmo domingo da Santíssima Trindade, em que a Marinha Imperial de uma jovem e soberana nação cobriu-se de imorredouras glórias vividas pelos seus valerosos homens, legando aos pósteros um exemplo dignificante de bravura, de desprendimento para com a vida e inexcusável amor à pátria.

Foi junto às barrancas de um passo do Rio Paraná, chamado Riachuelo, que a divisão naval brasileira, sob o comando de Francisco Manuel Barroso, tornou possível a continuidade das comunicações fluviais das forças das nações aliadas, através daquele grande rio, infligindo ao inimigo

comum a sua maior, mais desastrosa e decisiva profligação. Nessa página gloriosa de nossa história naval, encontramos uma plêiade de brasileiros, dentre os quais podemos destacar os nossos conterrâneos, o então primeiro tenente Joaquim Francisco de Abreu, comandante da Belmonte, e o Imperial Marinheiro Marcílio Dias que, com coragem viril, escreveu o nome do nosso país, em todos personificado, no pedestal da glória.

O poeta Herculano Mariz assim cantou, imortalizando em seus versos a inesquecível e heroica participação de Marcílio Dias em tão significativo acontecimento:

Cair para subir constantemente,
Morrer, mas reviver oh! Marinheiro!
Esse o destino teu de brasileiro
Numa pugna renhida e refulgente.

A Parnaíba, o teu civismo ardente,
Tua existência, teu valor inteiro,
São orgulho, da terra do Cruzeiro
E lendários padrões da nossa gente.

Caíste num convés ensanguentado
A sangrar sobre as tábuas de um altar,
Oh! Magnífico herói sacrificado!

Moribundo, deixaste de lutar;
Morto, foste nas águas sepultado...
Mas, na história, não cessas de brilhar!

E as glórias obtidas em Riachuelo tornaram-se mais notórias e significativas, porque nos coube vencer a um adversário, sem contestação, denodado e forte.

Essa batalha naval, a primeira e única travada entre navios de vapor sem blindagem ou couraça, alterou completamente o rumo dos acontecimentos. A partir daquele instante, desapareceu a ameaça naval do Prata; não pôde mais Solano Lopez apoiar, com a esquadra paraguaia, as operações de guerra que se travavam na mesopotâmia Argentina e no Rio Grande do Sul.

Evocarmos esses grandes fastos é prestar uma homenagem de justiça aos heróis de Riachuelo. É o que estamos fazendo neste despretensioso trabalho. Mas, amalgamados pelos laços inquebrantáveis do civismo que nos impulsiona e orienta, procuramos ser partícipes da construção do Brasil do nosso tempo.

Às gerações de Riachuelo pertence o mérito de manter-nos livres para, no uso dessa liberdade arduamente conquistada converta-se, finalmente, nos frutos abençoados do desenvolvimento autêntico e da verdadeira segurança.

Os esforços e o patriotismo de ontem insculpiram-nos a independência.

Agora, cabe a cada um de nós defender a sua manutenção, a partir da união de todos e da responsabilidade de cada um, para que prossigamos no caminho da prosperidade, da paz e da justiça social, em consonância com a índole e a alma brasileiras, como assim sentiam e acreditavam os heróis da inolvidável epopeia que em breves palavras lembramos.

BIBLIOGRAFIA

BECKER, Klaus et. Al. *Enciclopédia Rio-Grandense*. 5 volumes. Ed. Sulina, 1968.

CALMON, Pedro. *História do Brasil*. 7 volumes. Rio. Ed. José Olympio, 1971.

CAMINHA, Herick Marques. *Organização e Administração do Ministério da Marinha no Império*. Rio. Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1989.

PRADO MAIA, João de. *A Marinha de Guerra do Brasil na Colônia e no Império*. Rio. Ed. José Olympio, 1965.

VARNHAGEM, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. 6 volumes. Ed. Melhoramentos. São Paulo, 1962.

EXPOSIÇÕES FOTOGRÁFICAS



O Rio Grande em 1889 – breve mostra do acervo fotográfico da Biblioteca Rio-Grandense

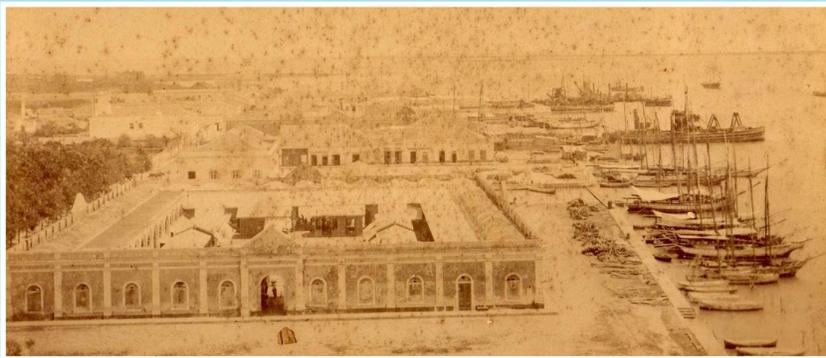
Francisco das Neves Alves



– vista do porto –



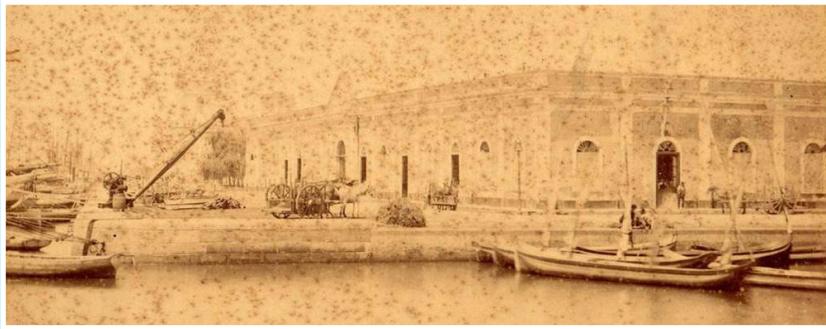
– vista do porto –



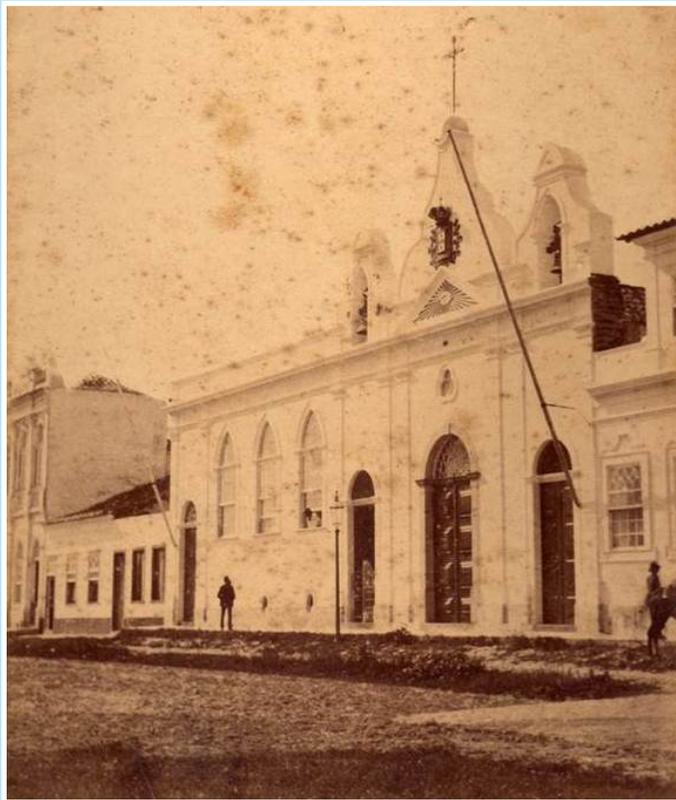
– vista do mercado –



– interior do mercado –



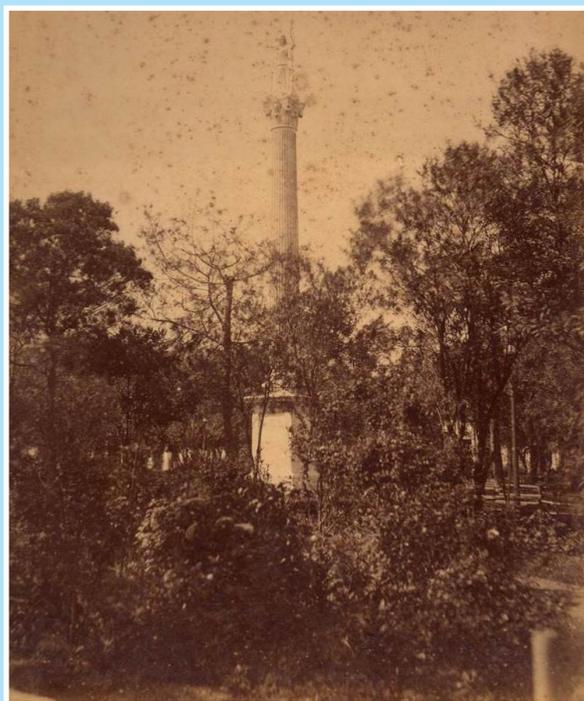
– mercado e docas –



– Beneficência Portuguesa –



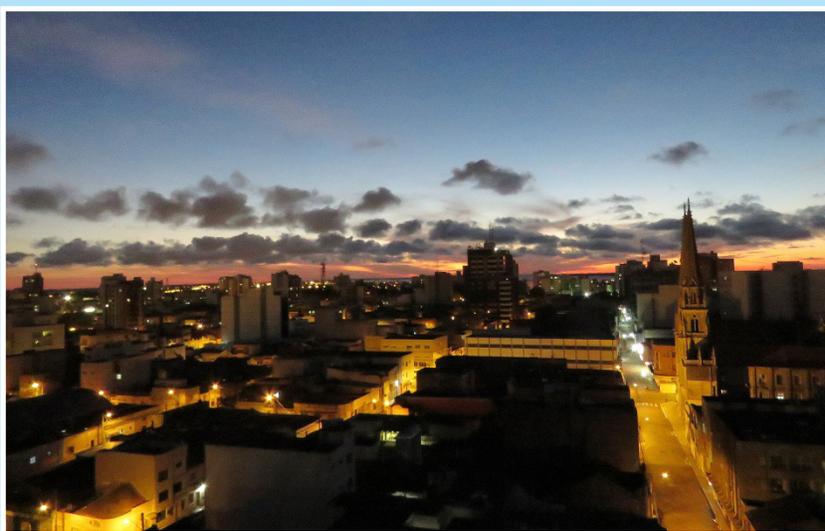
– Rua Pedro II (depois Marechal Floriano) –



– Coluna da Liberdade –

Imagens do Rio Grande atual

Wilson Rosa da Fonseca







PATRONOS



Sextilhas rio-grandenses

Adel Braga Carvalho



Rio Grande, minha cidade,
Quem te visse: águas e areia!
Fecundou-te a humana lida
Que a ambição em nós ateia.
Hoje, em mim, és a saudade
Que aos velhos adoça a vida.

Muito cresceste! O progresso
A enriquecer toda a gente,
Por toda parte se expande
Alegrando o corpo e a mente.
Eu, porém, nada te peço,
Querido, velho Rio Grande.

E ao findar minha romagem
Só te agradeço a memória
De remotas alegrias
Que escaparam da voragem,
Pontilhando a minha história
De róseos, felizes dias...¹

¹ RODRIGUES, Sued de Oliveira (org.). *Rio Grande nos versos dos poetas*. Rio Grande: Academia

Indefinição

Alexandre José de Seixas Fernandes



Olho, contemplo a vastidão do espaço,
Por tudo o meu olhar ávido estendo;
E vendo tudo – eu nada fico vendo...
Uma ideia – sequer – de nada faço.

E no entanto eu sigo, traço a traço.
Esse trabalho esplêndido, estupendo;
Por todo ele os olhos percorrendo
Nada avisto, meu Deus, nada devasso!

E sempre nessa ideia – em vão – prossigo
Voltando os olhos para o Espaço... crendo
Que tudo vejo... e nada ver consigo!

É que eu mesmo – nem me reconhecendo
Não sei de onde parti, para onde sigo...
E vendo tudo – eu nada fico vendo!²

Rio-Grandina de Letras, 1989. p. 96.

2 NEVES, Décio Vignoli. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: Artexto, 1987. t. 2, p. 40.

Visita à minha terra

Alfredo Ferreira Rodrigues



Vinte anos já que me ausentei. Chegando,
encontro tudo como foi outrora.

Eis a casa paterna. Entro e, chorando,
sinto que tudo a infância rememora.

A igreja e a torre, em que eu, sineiro, ecoando
dobrava a Ave Maria espaço em fora.
A mesma cerca de urze se alastrando,
que a mesma rosa trepadeira enflora.

As figueiras... A praça em que eu corria
como agora parece-me acanhada
e como outrora grande parecia!

No cemitério a cruz quase tombada,
a velha cruz que dantes me dizia:
– A vida é sonho! - e que hoje diz: – É nada!³

3 RODRIGUES, 1989, p. 35.

Hino do Colégio Estadual Lemos Júnior

Antenor de Oliveira Monteiro



Somos jovens nossa vida
Não tem urzes a calcar
Seja pois a nossa lida
Estudar, sempre estudar.

Que a Pátria que o bom filho
Possa seu nome ilustrar
Mas será sem glória e brilho
Quem do livro se esquivar.

Não teremos estudando
Pensamentos negros vis
E seremos justos quando
Servimos nosso país.

Ficará escrito como glória
Um nome que Deus bendiz
Lemos Júnior já na história

Deste Rio Grande feliz.

E à nossa Pátria adorada

Braço audaz forte viril

Nós daremos na elevada

Luta por ti ó Brasil.

E seremos o soldado

Pra a pugna varonil

Sob o lábaro estrelado

Que ergues tão alto, Brasil.⁴

4 RODRIGUES, 1989, p. 189.

O gaúcho

Antônio da Costa Correia Leite Filho



Laço no tento, franco, de olhar vivo,
Como um famoso cavaleiro andante,
Lá vai o guasca intrépido e galante,
Fundido em bronze, sobre o pingo esquivo!

Por esse pampa idílico e nativo,
Onde o silêncio é morno e perturbante,
Corre e sonha e lateja a todo o instante
A alma heroica do gaúcho altivo...

De poncho ao vento e de rebenque alçado,
Enraivado de luz, transmonta o espaço!
E nesse voo audaz, desabalado,

Parece, numa fúria de vencê-las,
Que vai, nervoso, derrubar no laço
As manadas inquietas das estrelas!...⁵

⁵ ARTAGÃO, Mario de. *Rimas pagãs*. Lisboa: Oficinas da Sociedade Nacional de Tipografia, 1933. p. 123.

Silva Paes e sua gente

Antônio Gomes de Freitas



Fevereiro de 1737...

O dorso líquido e verde é bem um campo ondulado.

Corcoveiam sobre eles sete barcos

Parecem pégasos que exaustos de voar,
deliberassem trotar.

Avançam, vagarosos,

Cavallhada sem pressa de chegar...

Lá no alto, aos olhos tristes de tripulação sonolenta,

A festa silenciosa das estrelas.

A bordo dos veleiros vai monótona a vida:

marujos, com vontade de chorar,

evocam um sorriso, uma palavra, um adeus, um lar...

Cantam, lamentosos,

velhas canções de além-mar...

No costado das naus as ondas executam em surdina

melodias profundas, abismais...

À proa do Leão Dourado,
imponente, olhar duro posto no horizonte,
José da Silva Paes.

O Brigadeiro pensa na terra que desconhece.
Sabe, entretanto, que é muito branca e ondulada,
como um aceno de paz.

Na esteira escumosa da galera mestra,
São Francisco Xavier,
Sant'Ana,
Bonita,
Bicha Cadela,
El-Rei,
Nossa Senhora da Conceição,
qual bando de peregrinos em busca
da Terra da Promissão...

Já se avistam areias alvejando ao sol.
Gritos de viva alegria
partem de cada embarcação.

E o futuro Rio Grande de São Pedro
acolhe, como um pai, os bravos navegantes.
Ah! não tivesse ele a forma de um coração!...⁶

⁶ RODRIGUES, 1989, p. 71.

O baile

Aparício Fernando Brinkeroff Torely



O Baile do Povo Novo,
Esse baile à fantasia
Vai ser, com toda a certeza,
A nota chique do dia...

Ao Baile do Povo Novo
Vai afluir muito povo
E estará muito animado.
Vai ser um baile falado,
O Baile do Povo Novo.

Depois... num salão Ideal,
Havendo moças bonitas,
É lógico, é natural,
Que se passem muitas fitas.⁷

⁷ RODRIGUES, 1989, p. 36.

O gaúcho

Apolinário José Gomes Porto Alegre



Aqui sou rei. Se lanço a fronte aos céus
Tenho por teto o azul da imensidade;
Se a desço logo, vejo a soledade,
O pampa a desdobrar os escarcéus.

Aqui domino. O rancho de sapé,
Livre alcáçar não traz grilhões de escravo;
O peito aberto à luz não roja ignavo,
Passando temporal me deixa em pé.

O tronco solitário mete dó!
Súplice se estortega na agonia!
Mas eu que odeio toda a tirania,
O afronto envolto em turbilhões de pó.

Aqui domino a erma solidão,
Tenho um trono, é o dorso da cauda;
Este ao longe me escuta,
E vem lampeiro na asa do tufão.

Meu companheiro és tu, ó meu corcel!
Se escutas o clarim, – eis-me a teu lado;
Aos ventos dizes tu, desassombrado:
– Parem! Que o deserto oiça o meu tropel!

Hup! Brado, e ao estreitar-te o colo nu,
Já devoras, nitrindo, largo espaço!
O solo sob teus pés se torna escasso...
– Bravo! diz, quando passas, a nhandu.

E a nuvem branca a esvoejar taful:
– Cavaleiro, eia! vamos à batalha!
Servir-te-ei, se tombares, de mortalha,
Terás a tumba no infinito azul.⁸

8 MOREIRA, Maria Eunice. *Apolinário Porto Alegre*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1989. p. 19-20.

História da poesia

Armando Lopes Duarte Coimbra



Deus no lodo esculpiu o homem.

Deu-lhe um coração.

Fez o Sonho...

O homem descendente do charco, melancolizou-se na monotonia do Jardim Divino.

Tédio...

Que importava a sonoridade dos plúmeos canceiros, a meiguice das feras submissas, a fragrância do Éden, o cantarolar da cachoeira? Adão desejou um destino.

Eva que foi o bem e foi o mal, foi a vida.

Foi o Amor...

Envelhecera os desterrados do casto recanto. Envelhecer, perder o direito da mocidade perene. Doloroso estigma.

E, à sombra de antiga macieira, recordaram o fulgor da mocidade desfeita, o primeiro beijo, as carícias primeiras, as frases ternas de outrora, tardes longínquas, luas remotos.

E no mundo apareceu a primeira Saudade...

Foi assim que nasceu a Poesia...⁹

⁹ RIO GRANDE, Rio Grande, 9 maio 1929 (Coletânea de recortes – Biblioteca Rio-Grandense).

Retrato

Arthur Pinto da Rocha



Nem dos seios das nuvens vaporosas,
Nem dos beijos da aurora acetinada,
Nasceria mais branca e delicada...
Mista espuma, de lar e rosas!

Quando ela passa, dentre as mais formosas,
As flores de carola perfumada
Curvam seu caule – a fronte aveludada,
De tanta graça feminil, ciosas!

O rútilo cabelo – negro e basto –
Parece o véu da noite, muito fundo,
Que a fímbria vai roçando o pó, de rastro...

E o doce olhar mais vivo e mais profundo
Que é feito de luar, argento e casto...
Parece um Astro – iluminando o Mundo!¹⁰

10 NEVES, 1987, p. 83.

Hino da Sociedade Dramática Filhos de Tália

Arthur Rodrigues da Rocha



A arte, a grande boemia,
Que não tem pátria nem pouso,
Que jamais teve repouso,
Que é divina e imortal,
Em nossos peitos de moços
Tem o culto puro e santo
Que faz a glória e o encanto
Dos preceitos do Ideal.

[Coro]

Somos Filhos de Tália,
Amantes da Arte divina
Que deleita e que fascina,
Que comove e que seduz.
Ardente ablação rendemos
À musa grande e sublime,
Que toda a paixão exprime,
Que todo o sentir traduz.

Se o teatro é uma escola
De benefícios reais
E os costumes sociais
Têm nele exemplo e lição;
A ele nos consagrando,
Pujantemente provamos
Que concorrer desejamos
Para a causa da Instrução.

[Coro]

Amantes da Arte Divina
Cujo difícil arcano
Só foi dado a João Caetano
Neste país descobrir;
E já agora marcharemos,
Unidos sempre e contentes,
Pelas veredas fulgentes
Que conduzem ao Porvir.¹¹

11 RODRIGUES, 1989, p. 184.

Valsando...

Bernardo Taveira Júnior



Ao toque de uma valsa bem ligeira
Um belo par na sala deslizava...
Ela baixo dizia (ou sonhava?)
“Quem me dera valsar a vida inteira”

– Ele ofegante, ardente, à feiticeira,
“Valsando ao céu iremos”, murmurava;
E ela, como quem ao céu voava,
A suspirar clamava... na carreira:

“Que fina flor, a orquestra tão divina;
Nova terra antevejo...peregrina!
Nosso amor neste voo mais se exalça!”

Uma aurora então surge, diamantina,
E para entrar no céu se abre a cortina...
Entremos! – Que ilusão... Findou a valsa!¹²

12 NEVES, 1987, p. 89.

O teatro da campanha e o comando militar

Bertoldo Ritter Klingler



Aqui focalizamos duas interrogações espontâneas iniciais:

Por que nos anseios nacionais pró-restaram do regime constitucional culminantes na insurreição armada contra a ditadura, São Paulo é que veio a ser a voz do Brasil? (...)

Por que para essa reação de armas na mão, a mim é que veio a caber o supremo comando militar?

Em resumo, e em última análise, o papel capital que desempenhou São Paulo no movimento pró-Constituição – desde os primórdios da conspiração contra a perduração da ditadura, conspiração a bem dizer, para honra do Brasil, congênita da própria ditadura; até o apelo *ultima ratio* – veio a lhe ser imposto pela ostensiva, notória preferência que teve São Paulo na aplicação dos processos discricionários do governo outubrinho para a conquista do Brasil. (...)

De início, assinalemos que esse meu papel histórico, de supremo chefe militar da reação armada pró-Constituição de 32, veio a caber-me em razão de minha situação de comandante duma região militar, a de Mato

Grosso, único dos irmãos de armas constitucionalistas em semelhante função. (...)

Aliás, essa minha invariável, inflexível orientação constitucionalista, anti-ditatorial, não me demandava nenhum esforço de elaboração de opinião pessoal: simplesmente coerente comigo próprio, tinha a confortadora animação de aderir conscientemente de corpo inteiro, ao próprio *leit-motiv* da pregação revolucionária, da Aliança Liberal, a qual pregação subentendia e explorava o horror aos inveterados desrespeitos à Constituição, perpetrados pelos governos, sobretudo no período problema da sucessão, e fazia vibrar o entusiasmo, o acendrado amor de todo cidadão honesto, digno, pela Magna Lei.¹³

13 KLINGER, Bertoldo Ritter. *Narrativas autobiográficas* – em continência à lei. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1953. v. 7. p. 29-31.

Sorrisos e prantos

Cipriano de Almeida Porto Alegre



O Mundo é mesmo assim: – vasto proscênio
De lutas, de agonias, brincos, flores;
E os prantos e sorrisos, num convênio,
Dão prazeres, dão festas e dão dores!

Soluça a viuvez, geme a pobreza,
Não tem conforto quem perdeu seus pais;
Enquanto nos festins tudo é grandeza,
Há pesares, descrenças, muitos ais!

Na vastidão do mar feito das fraguas,
Dos prantos, dos sorrisos e das mágoas
E do pulsar das muitas correntezas....

Flutuam vultos mil, todos sujeitos
Às sensações da vida, aos seus defeitos,
Aos caprichos da sorte e às incertezas!¹⁴

14 NEVES, 1987, p. 102.

Ode ao Rio Grande

Coleta da Silva Miller



Lembro hoje a voz das vagas

Dos mares de minha terra...

Oh! que funda saudade

O meu coração invade!

A voz que ao longe erra

De quebrada em quebrada, em minhas plagas,

Fala-me ao coração

Com profunda emoção!...

Lembro hoje esse velhinho

Já centenário e, ainda,

Todo branquinho, branquinho,

Reproduzindo a sua história linda!...

Foste berço de heróis, terra querida!

Foste berço de esplêndidas baladas!

Se deste à luz da vida

Batalhadores de almas denodadas!

Tens também as estrofes cintilantes,

Da lira de poetas fulgurantes...

Eu te saúdo oh! Terra, e nesse instante,
Fremente de emoção,
Num filial abraço,
Embora assim distante,
Mando-te o coração,
Que abrigo encontrará no teu regaço...

Neste dia sagrado
Em que a alegria estua
Recebe oh! meu Rio Grande bem amado
Toda minh'alma, inteiramente tua.¹⁵

15 RODRIGUES, 1989, p. 46.

Mensageiro d'alma

Edgar Braga da Fontoura



Mensageiro gentil, correi a ela,
Abismai-vos na rápida voragem
Dos bilhetes postais. Vamos, coragem!
Ide dizer à minha amada – aquela

Por quem minh'alma a suspirar anela,
Na tua muda e singular linguagem...
– Em relevo, num fundo negro, a imagem
Angelical de uma gentil donzela –

Que minh'alma saudosa, tela escura,
Que num triste painel de dor consiste,
É como tu... Afora a tua figura,

Em ti, ó meu postal, só treva existe...
Tirante o seu amor, só há negrura
De uma saudade, na minh'alma triste!¹⁶

16 NEVES, 1987, p. 110-111.

Amor e lamento

Eduardo Ernesto de Araújo



Eu perguntei o que era amor a Rosa:
– “É como nós... corola aveludada,
De uma cor atraente, voluptuosa,
Porém toda de espinhos circundada...”

Aos malmequeres brancos consultei
Sobre se sim ou não eu era amado...
Uma por uma as folhas arranquei
E dum malmequer triste, desfolhado,

A derradeira respondeu-me: “Não”
Banhou-se-me de pranto o coração!
Se é fraqueza chorar os meus amores...

Lágrimas verte o Monte, que é granito!
E o Céu, o próprio Céu – que é infinito –
Chora também no cálice das flores!¹⁷

17 NEVES, 1987, p. 115.

O contrabandista

Elisabeth Lopes Laudares



Nas velhas estâncias do Rio Grande do Sul, entre os velhos hábitos, legados pelos nossos antepassados, estava o de ter uma espingarda com a respectiva munição, amarrada por cima da porta de cada quarto de dormir. Principalmente, nas estâncias situadas nas fronteiras com o Uruguai e com a Argentina, por serem transitadas, durante a noite, por quadrilhas de contrabandistas. Muitas vezes esses eram surpreendidos pelo pelotão da polícia aduaneira e, então, travavam-se verdadeiros combates.

Uma noite, a família do Coronel Júlio Alves foi acordada em sobresalto, por um furioso tiroteio. Levantaram-se todos e foram reunir-se no salão, esperando pelos acontecimentos.

– Desta vez a coisa é séria, disse o Coronel. Não tardarão a vir em busca de socorro para os feridos. Vocês, as mulheres, é bom que vão preparando os unguentos e ataduras.

– É verdade, respondeu D. Lia, dirigindo-se para o armário, que fazia as vezes de farmácia. – Mas acho melhor que Maria volte para a cama; ela não precisa presenciar essas cenas.

– Ó minha mãe! exclamou a jovem, deixe-me ficar para ajudá-la. Já

não sou uma criança, e sabe que não sou nervosa.

– Fica, minha filha, disse o Coronel, isso ensina a ser forte! (...) ¹⁸

18 LAUDARES, Elisabeth Lopes (Eliana). *O contrabandista*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, 1946. p. 7.

O sonho do poeta

Érico de Carvalho Cramer



Pensando nas agruras do destino,
o poeta tristonho adormeceu,
recordando o seu tempo de menino
que do sofrer o jugo não venceu.

E o poeta sonhou que a Virgem Santa,
toda envolta em seu manto de cetim,
desceu do céu e com doçura tanta
juntou-o ao coração, dizendo assim:

“Não desprezes a vida por ser triste
porque só na tristeza é que consiste
o motivo real do teu viver

e não maldigas dores nem tristezas
nem agonias à tu'alma presas
que o poeta nasceu para sofrer!”¹⁹

19 CRAMER, Érico. *Vida e outras mentiras*. São Paulo: Estabelecimento Gráfico Cruzeiro do Sul, 1938. p. 9.

É minha

Ermani Guaragna Fornari



Sóis, apagai-vos! Caudas de Cometas
Varrei a esfera toda, em fogo aberta,
Que a grande comoção que me desperta
Inda é maior que o surto dos Planetas!

Precipitai-vos desses céus violetas
Deuses inúteis na amplidão deserta!
Que o verbo desse amor que me liberta
Suplanta o vosso que só traz grilhetas.

Caos. Gênese. Sanção. Delírio vago...
Um pélago de estrelas n'alma trago...
E trago à mente um Sol de estranho ardor.

É minha, ó Sóis, é minha a desejada...
Podeis fechar as portas da alvorada...
Ela está abrindo os braços para o Amor!²⁰

20 NEVES, 1987, p. 121.

Hino

que se cantou na noite do dia 24 do corrente, pela feliz notícia da gloriosa elevação do Sr. Dom Pedro II ao Trono do Brasil

Francisco Xavier Ferreira



OS FERROS DA ESCRAVIDÃO

No nosso Pátrio Horizonte
Dourado assoma o clarão,
Que anuncia já desfeitos
Os ferros ~.~.~.~.~.~.~.

Triunfamos, brasileiros,
Dessa perjura facção,
Que lançar-nos projetava
Os ferros ~.~.~.~.~.~.~.

O Augusto Herdeiro do Trono
Do Brasil honra e brasão
Salva a Pátria, aniquilando
Os ferros ~.~.~.~.~.~.~.

Se a séculos suporta a Europa
Do despotismo o grilhão,
No Brasil nem há momento
Os ferros ~.~.~.~.~.~.~.~.

Vingou-se a Pátria insultada
No Campo da Aclamação;
Lá mesmo farão quebrados
Os ferros ~.~.~.~.~.~.~.~.

No terreno americano
Nunca mais vegetaram
Ditames do despotismo
Os ferros ~.~.~.~.~.~.~.~.

[Coro]

Viva a Assembleia Geral,
A Brasileira Nação,
O jovem Pedro Segundo,
Pátria, Constituição.²¹

21 FERREIRA, Francisco Xavier. Hino que se cantou na noite do dia 24 do corrente, pela feliz notícia da gloriosa elevação do Sr. Dom Pedro II ao Trono do Brasil. Rio Grande, 25 de abril de 1831 (cópia – acervo da Biblioteca Rio-Grandense).

Cidade do Rio Grande

Frederico Carlos de Andrade



Terra Heroica, em que o povo sobranceiro
entregue ao culto dos seus mil deveres,
se conserva distante dos prazeres
e trabalha feliz, o dia inteiro.

No seu modesto traje domingueiro,
ei-lo, risonho, junto a amados seres,
só uma vez, à semana, a ter lazeres
sem ver no mundo apenas o dinheiro.

Que nunca, ó terra simples e sincera
outro seja o teu fado, o teu destino,
e, assim, jamais se altere, no teu Hino,

a loa erguida à luta insana e austera
que sustentaste em ânsias de vitória,
aclorando o teu nome à luz da História.²²

22 RODRIGUES, 1989, p. 45.

Ao leitor

Hipólito José da Costa



Desde que a minha idade me permitiu o pensar e refletir, sempre considerei a existência da Inquisição na Europa como uma consequência da ignorância e da superstição e, portanto, sempre a olhei com horror; mas nunca me passou pela imaginação que eu mesmo viria a ser uma das vítimas de sua perseguição. É apenas crível que no século dezenove exista ainda um tribunal que tenha o poder, sem causa aparente e sem que haja violação das leis do país, de prender indivíduos e processá-los por culpas que se devem considerar como imaginárias, visto que não existem no Código Criminal da Nação.

A narração simples e sem adornos deste fato e o chamar a atenção desta nação para tais circunstâncias, considero ser um imperioso dever meu, visto que é a prudência do soberano, que tão gloriosamente tem reinado por mais de meio século e aos conselhos de seus iluminados atuais ministros que a Europa é devedora de um ajuste (o qual espero em Deus seja fielmente observado) para exterminar totalmente um tribunal, cuja existência é tão insultante, como humilhante ao gênero humano.

Se eu for feliz que possa conseguir o que me propus: a lembrança dos horrores que sofri, será para mim o triunfo da inocência sobre a opressão, e darei

gostosos parabéns a esta nação, que cordialmente adotei por minha, ao mesmo tempo em que me confesso agradecido pelo modo por que tenho sido recebido por muitos dos seus indivíduos; estabelecendo como eterno monumento de seu alarde e de sua afeição a seu respeitável Monarca, que ele *aboliu a escravidão e destruí a Inquisição*.²³

23 COSTA, Hipólito José da. *Narrativa da perseguição*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Associação Rio-Grandense de Imprensa, 1974. p. 15-16.

A máscara

João Crisóstomo de Freitas



Reinado de Momo, o deus ventrudo dos pobres de espírito. Por isso, a máscara empolga todas as atenções. Os acontecimentos emocionantes da época desaparecem através dos olhos e da boca vazios dessa cara invulgar que se dependura dos cabides dos escaparates das lojas, rindo para a rua o seu riso irônico e deixando ao transeunte a impressão cômica de seu esgar.

E o transeunte tem a lhe bailar na comissura dos lábios um sorriso inexpressivo, adoentado, ao olhar despreocupadamente para a máscara, impassivelmente sardônica, a única face verdadeira da vida, por ser a verdade modelada em caricaturas risíveis. (...)

A máscara permanece com os seus olhos vazados, com a sua boca desdentada e com o seu eterno sorriso, que vem de dois séculos antes de Cristo até aos nossos dias, então satirizando Mucus e Bucu, que nos cercam com a mentira de suas palavras e com a mentira de seus atos.

E a prova de que a máscara é a própria vida está na razão direta de sua quase coexistência com a humanidade. (...)

Na verdade da máscara reproduz-se a mentira da vida, e não sabemos nós – os eternos príncipes dinamarqueses da dúvida – quando é que a hu-

manidade se mascara: se ao afivelar a máscara no grande domingo inicial da folia, se ao despir-se dela pelo dealbar da madrugada de Cinzas...

Porque indivíduos há que se revelam tal qual são com a máscara ao rosto, ao passo que se mascaram para a farsa da vida quando vêm o rosto no banho do sol...

Mas deixemos tais considerações, até porque já não existem, nem deixaram substituto, o sombrio poeta de Stratford e o sarcástico de Paris e deixemo-las para prestar sincera homenagem à máscara, dentro da qual a humanidade esconde a grande máscara, a máscara eterna com que representa a estupenda comédia da vida...²⁴

24 REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DO RIO GRANDE DO SUL.P Porto Alegre, set. 1936, a. 2, n. 2, p. 85-86.

Educação alimentar dos tuberculosos – superalimentação

João Evangelista Espíndola



A experiência secular tem demonstrado que a base sobre a qual deve assentar o tratamento da tuberculose pulmonar é constituída pela alimentação, pelo repouso e pelo arejo ininterrupto da habitação.

Foi ineludivelmente a ineficiência dos meios medicamentosos, aconselhados sob a forma de uma poli-farmácia tumultuosa, que, a pouco e pouco, levava ao espírito do povo a convicção de que, na impossibilidade da ofensiva contra o agente tuberculígeno, era necessário colocar o organismo em condições de fazer face à moléstia com uma armadura química interna que tivesse o poder de resistir à instalação e à conseqüente proliferação do bacilo.

Era necessário, portanto, modificar o meio para que a semente não germinasse.

A miséria fisiológica, que é a característica fundamental da tuberculização, precisava de ser vencida e, foi só depois que a experimentação demonstrou palpavelmente que, melhorado o terreno, mesmo dos indivíduos organicamente tratados, o bacilo não encontrava elementos de vida, que a

tríade de Sabourin alcançou a supremacia na luta.

Dos três fatores, cujo valor corre paralelamente, ocupar-me-ei exclusivamente do primeiro com o intuito de opor contestação à memória apresentada à Academia Nacional contra a superalimentação. (...)

Eu produzirei alguns argumentos mais, demonstrando (...) que o ilustre escritor da memória falseou o pensamento dos autores citados, para acomodá-lo às suas opiniões que, se tivessem o cunho de individualidade, mereceriam muito mais respeito.

Se isto é ou não a expressão da incorruptível verdade o leitor dirá.²⁵

25 ESPÍNDOLA, João Evangelista. *A tuberculose – superalimentação*. Curitiba: Tipografia e Litografia Imprensa Paranaense, 1901. p. IX-X.

Origens do Rio Grande

Joaquim Gomes de Campos Júnior



A língua do Alentejo era diferente da do norte de Portugal. Há o fato histórico do escritor do sul te recebido com riso no norte, e custou a convencer que assim se falava no sul. (...)

Sem essas modificações foi que a recebemos e pusemo-la em contato com asturianos, sevilhanos e galegos, que foram com os alentejanos os povoadores do Estado Oriental.

O tipo rio-grandense é igual ao do Alentejo.

Não é semelhante ao minhoto e ao transmontano, que a outra raça pertencem. (...)

Os nomes de cidades e lugares do Rio Grande são alentejanos: Porto Alegre, S. Pedro do Sul, Alegrete, S. Antônio, Albardão, Serro Alto, S. Maria, Seregonha, Mangueira, etc.

A dança sapateada é de origem árabe e ainda se vê no Algarve.

O correr da bandeira, por ocasião do casamento, é persa.

As cavalcadas vêm dos árabes.

A nossa luta a cavalo ou a pé, é a luta dos torneios da idade média.

O nosso gaúcho – palavra árabe, com a mesma significação – é o

troveiro, não o trovador, da idade média; bêbado fanfarrão, brigando por qualquer coisa, vivendo nas tabernas.

Não é o cantador do condado portugalense, que se assemelha ao do norte do Brasil.

A viola é alentejana; no norte de Portugal, se usa o cavaquinho.

A nossa carreta é alentejana. (...)

O nosso dialeto é alentejano, antigo, e o vocabulário já era usado por escritores antigos, do sul, e até palavras de que os portugueses de hoje ignoram a significação, como mangueira e rodeio.

A casa grande é do Alentejo como daqui; no norte de Portugal, é quinta.

Árvores nomeio do campo em grandes espaços, se veem no Alentejo, como aqui.

A casa com muita frente e pouco fundo é alentejana; no norte de Portugal, a casa tem pouca frente e muito fundo. A casa de porta e janela trouxe-a a segunda imigração.

A nossa tecnologia náutica desapareceu, destruída pela segunda imigração.

Os construtores antigos de casas marcaram uma época; os de hoje constroem mal, e sem solidez.²⁶

26 CAMPOS JÚNIOR, Joaquim Gomes de. *A formação do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Livraria Americana, 1909. p. 23-26.

Os amores da brasileira

José da Rocha Leão Júnior



Tu que sabes exprimir maravilhosamente as impressões íntimas que a natureza dá aos que a compreendem.

Tu que traduzes o pensamento de poéticas emoções, que a certas horas propícias nos invadem o coração, e nos penetram n'alma, e que agora mar em fora navegando contemplas os nevoeiros da manhã e os da tarde banhados nos melancólicos vapores do ocaso.

Tu que nasceste poeta, e poeta brasileiro, que como eu só não crês nos atavios da impostura, recebe estas páginas onde encontrarás esboçada mais de uma dessas cabeças, que ambos contemplamos e estudamos.

Através do oceano que nos separa, adeja o pensamento, e por cima dessas vagas alterosas, gemedoras e homicidas, vai abraçar-te e levar-te uma saudade e uma esperança... do amigo Léio Junius.²⁷

²⁷ LEÃO JÚNIOR, José da Rocha (Léio Junius). *Os amores da brasileira*. Rio de Janeiro: Editores Maia & Ramos, 1876. p. III e IV.

Sou triste

Julietta de Melo Monteiro



Sou triste como o eco de um gemido,
Dum seio já sem crença e sem amor;
Como em meio de um bosque solitário,
A saudosa cantiga do pastor.

Sou triste como o goivo do sepulcro
Banhado pelas lágrimas do céu:
Como o pranto dorido da viúva,
Chorando o terno esposo que perdeu.

Sou triste como a frágil parasita,
Que o vento na passagem derrubou;
Como é triste lembrarmos essa quadra,
Que tão bela nos foi, mas que passou!

Sou triste como ouvir em horas mortas,
Nas janelas o vento sibilar;
Como em meio de um campo solitário,
Da coruja o terrível gargarhar!

Sou triste como em meio do naufrágio,
Ouvir do marinheiro a voz queixosa,
Só tendo por resposta a voz do vento,
E o bramido da onda revoltosa.

Sou triste como a planta que definha,
Sem orvalho, sem sol, só entre abrolhos;
E como ela eu morrera muito cedo,
Se não visse uma luz, a de teus olhos.²⁸

28 VIOLETA, Rio Grande, 18 ago. 1878, a. 1, n. 23, p. 2-3.

Anjo ou mulher

Luís Canarim Júnior



Corria a primavera! A viração passava,
De manso, a bafejar as flores do jardim;
Dum pedaço de Céu... a Lua se soltava,
Mandando à Terra a luz, em raios de marfim!

Orquestra celestial um hino executava,
Tão doce... que eu ouvia a duvidar de mim;
Sobre o colo de Euterpe eu cria que sonhava...
Mas vi romper-se o Céu e voar um Serafim!

E sobre a viração, na tímida passagem,
Bafejava-lhe o todo... a sideral imagem;
Os olhos divinais volviam p'ra qualquer...

Erigi-lhe um altar e consagrei-lhe um hino
De crenças, sem amor... pois cria-o o ser divino!
Mas quando a fui beijar senti que era mulher!²⁹

29 NEVES, 1987, p. 148.

O cavalo gaúcho

Luís Felipe de Castilhos Goycochêa



O gaúcho só pode ser visto a cavalo.

O cavalo lhe foi, e lhe é ainda, o amigo leal e inseparável.

No cavalo ele tinha o meio de transporte, a arma de guerra por excelência, o instrumento profissional, o confidente para as alegrias e para as mágoas.

O cavalo sempre lhe foi o sócio nas aventuras e ficou sendo o pedestal para o monumento que lhe deve a Pátria.

A pé o gaúcho está fora do seu elemento de ação. É como o peixe fora d'água; como o pássaro sem asas; como o homem no mar.

O primeiro movimento do gaúcho, o movimento instintivo ao aperceber-se do perigo, é cavalgar. No lombo do cavalo ele está acastelado, está em riste.

Não se compreende um sem o outro. – Juntos formam um todo indivisível esteticamente. Formam o Centauro dos Pampas!

Entendem-se à maravilha: o gaúcho aos eu bagual e este àquele.

A fidelidade do cavalo ao gaúcho é integral. O gaúcho sabe disso e não lhe regateia a retribuição. (...)

Se hoje, o trem de ferro, o automóvel, o aeroplano, relegaram-no a um plano inferior para a utilidade imediata, na lembrança dos tempos do ciclo heroico permanece vivo, como uma relíquia e como um símbolo.

Quem tiver de pintar o gaúcho terá de fazê-lo junto ao amigo inseparável ou no dorso do sócio das glórias.

Aquele que tiver de escrever sobre o sul-rio-grandense terá de movimentá-lo sobre o lombo de um redomão.

Dessa forma – como o gaúcho – o cavalo do gaúcho não morrerá.³⁰

30 GOYCOCHÊA, Luís Felipe de Castilhos. *A alma heroica das coxilhas*. Rio de Janeiro: Tipografia do *Jornal do Comércio*, 1935. p. 31-33.

Castelo de Openheim

Manoel José da Silva Bastos



Sai, meu drama, a percorrer teu fado,
Escutando, submisso, a toda gente;
Mas aos sábios atende tão somente,
Porque a eles ouvir somente é dado.

Qual tu és assim vai, pobre e sem arte,
Porque luzes me faltam e não tenho
Com que possa melhor apresentar-te;

Sente ferrar o dente anavilhado
O satírico Zeilo... injustamente,
Que assim mesmo se morda e se arrebente,
Pois por sábios não foste censurado.

Se tu digno dos bons, é esse o empenho/
Acolhido serás por toda a parte,
Mesquinha produção de um fraco engenho.³¹

31 NEVES, 1987, p. 153.

Saudosa expressão da Pátria

Maria Clemência da Silveira Sampaio



Que luto, ó Brasil, teu solo ensombra,

Que mágoa, que aflição te penaliza?

E porque te sufocam repetidos;

Clamorosos soluços?

Que desgraça te acerba e lamentas?

Que tens, ó Pátria minha, que tristeza

Teu rosto desfigura,

Te oprime o coração? Aflita banhas

De pranto o teu semblante macilento?

Ó, mísero Brasil” –“Eis que responde:

É que pungente Dor me dilacera!

De mágoa arqueja meu aflito peito!”

Ó, mísero Brasil, ó dor! perdeste

A grata flor de precioso aroma,

Que o Céu nos concedera, esperançoso,

Que venturas imensas prometia! (...)

Sim, esse primogênito querido,

Esse herdeiro do trono brasileiro...

Que devia, imitando o Pai augusto

E as virtudes da Mãe, a idade de ouro
Vivificar na Pátria... difundindo
O exemplo dos Pais, por toda parte!
De novo guarda o mimo que nos dera...
De que o Mundo, talvez, não era digno
Novo astro radiante, luz que brilha
Na auréola celeste, que circunda
O trono onde preside o Onipotente...
Não mais nos aflijamos, não choremos...
Ideia consolante assoma n'alma!

Nos suaviza o peito
De todos os desgostos e pesares!

Já triunfa, ileso!

Nem dores sofre mais, nem mais cuidados;

Águia sublime, transmoutou os Astros.

Na morada do Além, onde a Inocência

As áureas portas lhe abre

E junto ao Pai Eterno, ao seu abrigo

Goza inefáveis, divinais prazeres,

Entre suaves, gratas harmonias;

Com que dos querubins as harpas de ouro

A DEUS louvor e hinos mil entoam.

Espírito absorto, só promove

Para seus pais e para Pátria sua

Mui gratos, mil suaves benefícios

Talvez – Anjo da Paz – ele desvie
De sobre nós a pavorosa guerra!
Erguei, portanto, augustos imperantes,
Para o Céu – vossos olhos lacrimosos,
Onde qual rutilante, luminosa
Estrela, já vereis brilhar o filho,
Fruto precioso de leal amor!
Fruto da benção e de DEUS agrado!³²

32 NEVES, 1987, p. 160-162.

Borboletas

Mário Aita Guaranha



Parecem ébrias, pelo espaço afora.
Essas... que nos recordam fantasia...
A voar, bizarro prisma que irradia,
Ao resplendor do Sol, à luz da aurora.

Bêbedas de prazer... Nunca sombria
A feição eu lhes vi... lânguidas ora,
Ora lestras... as mesmas são de outrora,
– Boêmias que conduzem alegria...

Ó, borboletas, que voais sem rumo...
Não sois mais do que breve e doce fumo,
Tontas viveis e rápidas passais...

Lembraís a minha frágil mocidade...
Os lindos sonhos de felicidade...
Um voo, uma ilusão e nada mais!³³

33 NEVES, 1987, p. 163-164.

Parecer

Oswaldo Miller Barlem



Há, em Naziazeno D’Almeida, a heráldica espiritual de uma nobre tradição dos pampas: o literato, o intelectual, o beletrista, o escritor, o orador, o mestre, o jornalista, o publicista que exsurge, na liça das letras, para um objetivo social, uma tarefa criadora, uma finalidade coletiva.

Esteta da paz ouve em silêncio a tranquilidade da caserna. Desejaria até queimar arsenais para que não houvesse guerra. Irrompida esta, lança-se à luta com a virilidade de um bárbaro, que estivesse no princípio do mundo, e começasse uma obra da natureza.

Sem a refrega da causa social, da animação construtora, o artista não existiria, o pincel permaneceria na palheta, o buril na pedra bruta, ação no fundo contemplativo da sua imensidade interior.

Eclodido o embate para esses fins constantes que justificam a divindade do homem sobre o planeta, o legionário sai da terra, e labuta, mesmo sem adivinhar, pela glória universal do espírito.

É um homem, e sendo um homem possui tudo, inclusive a palavra, escrita ou falada, e os símbolos que a expressam.

Na sociedade civilizada e culta ele é o polemista das boas causas, o plumi-

tivo das ideias superiores, o periodista das argumentações legítimas. De tal literatura dir-se-ia que se é rica de forma, pelo equilíbrio de seus conceitos e estilos, é nababa pela fortuna imanente que cintila, como no raio de sol, transmitindo, em síntese, a tonalidade dos metais superiores. Busca o bem, a beleza, a verdade, na pesquisa, doutrinação e execução social. É a arte no que tem de mais elevado, de mais sublime, de mais redentor para as desgraçadas contingências humanas. É a legitimidade do saber. (...)

[A sua obra] é dispersa mas não dispersiva, vária mas não fragmentada, e por conseguinte uma, construtiva e perpétua, como retrato de um momento literário.

Naziazeno D'Almeida é o homem gregário por excelência, e é o anacoreta, que até só, trabalha pela humanidade.

Opino, data vênua dos meus pares, para que tão ilustre nome seja recebido em nosso sodalício.³⁴

34 BARLEM, Oswaldo Miller. Parecer. In: D'ALMEIDA, Naziazeno. *Discurso de posse na Academia Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre: Tipografia Santo Antônio – Pão dos Pobres, 1966. p. 3-4.

Rio Grande

Revocata Heloisa de Melo



Terra de luz, audaz, de farroupilha!
Implantada na gleba de coxilha,
Na gleba dos centauros da legenda,
Onde o bravo se vê, de tenda em tenda

Arvorando o pendão da Liberdade
Nesse incontido sonho de igualdade!...
Terra vencendo as mais, nessa grandeza
De seres deste Sul a fortaleza;

Sempre ereta, possante, sobranceira
Calma, serena, sim; porém guerreira
Se aclara os ares da peleja a flama
E o coração da Pátria aos filhos chama!...

Grande és no nome e grande no roteiro;
Escancaras a boca ao mar certo
És herdeira de glórias, tens eleitos!
Tem tua história, de heroísmo os feitos!³⁵

35 RODRIGUES, 1989, p. 59.

À sagrada memória de minha mãe

Rita Lobato Velho de Freitas



Querida mãe, o pesar que me oprime o coração, por não ter-vos a meu lado durante meu tirocínio acadêmico, como também no momento em que vai ser conferido um título científico, não posso exprimir, não há frases que o signifiquem! Aceitai, pois estas singelas saudades, que, nascidas do coração e orvalhadas por minhas lágrimas, deposito em vosso túmulo, como intérpretes de meus sentimentos. E lá da Eternidade abençoe-me, para que eu possa sempre honrar o nome que trago.³⁶

36 Dedicatória da Tese “Paralelo entre os métodos preconizados na Operação Cesariana”, defendida junto à Faculdade de Medicina da Bahia em 1887. Citada por: TRINDADE, Ana Paula Pires & TRINDADE, Diamantino Fernandes. Desafios das primeiras médicas brasileiras. In: *História da Ciência e Ensino* – construindo interfaces, vol. 4, 2011, p. 32-33.

O dedo da vida

Rubio Brasileiro Ferreira



À tardinha, o éden mergulhava numa quietude estranha. O sol em declínio enviava derradeiros raios que vinham brincar, atravessando a folhagem densa do arvoredo, nos córregos que serpejavam e nas áleas de areia amarela e endurecida. Havia um silêncio pesado nas matas, uma dorlência nos ninhos e as feras não rugiam nas furnas.

Então Jeová, envolvido em roupagens luminosas, saía e atravessava o éden. (...)

Uma tarde, o Eterno encontrou o homem silencioso, também, à beira da corrente, e leu no olhar magoado de Adão uma saudade indefinível, um desejo de viver, mas sentir realmente a vida.

Parou-se e compreendeu que a obra não estava acabada. E criou a mulher. Adão, ao vê-la, ao sentir-lhe a beleza da carne exuberante, do olhar negro e úmido, do cabelo castanho e crespo, tomou-a por companheira e a amou como irmão.

Nesse dia, os pássaros cantaram cânticos mais harmoniosos e as rolas arrulharam nas campinas em flor.

Mas a alegria morreu, de súbito, na alma de Adão e de Eva, e o éden

se abismou na melancolia verde de suas árvores frondosas.

Viu Jeová que o homem não era feliz naquele paraíso que Ele ideara, e leu nos olhos de Eva a ânsia de viver e o desejo de amar.

Não. Positivamente a vida não era perfeita. Faltava, para completar a felicidade do homem, algo que lhe ferisse a alma, que o obrigasse a sentir a emoção, o apunhalar cruciante da dor e o consolo esplêndido da lágrima.

Para agitar o éden era preciso descobrir o dedo da vida. E Jeová hesitou; passou-lhe, num relâmpago, pelos olhos, o panorama das cidades tumultuosas; viu o orgulho humano escalando o infinito, e o olhar embaciado de Abel, e a fuga espavorida de Caim.

O homem não era feliz; e os seios túrgidos de Eva fremiam na ânsia de um carinho.

Como a obra era imperfeita, para que o homem sofresse e amasse a vida indefinidamente, e conhecesse a dor, Deus pensou no pecado.

E vendo, um dia, Adão e Eva que dormiam à sombra das árvores, Jeová sorriu com doçura...

E criou a serpente.³⁷

37 FERREIRA, Rubio Brasileiro. *O dedo da vida*. Rio Grande: Oficinas Gráficas do *Rio Grande*, 1936. p. 11-12.

O que é o amor?

Victor da Cunha



O amor da Glória é desejo
Que para o porvir nos leva,
Dirimindo a densa treva
Do nosso triste viver;
É quem sempre nos conforta
Quando, cheios de cansaço,
Não divisamos no espaço
Um astro resplandecer

Amor de Mãe é sacrário
De afetos puros, ardentes,
Onde vamos, reverentes,
O nosso culto ofertar;
É quem no meio das lutas
De nobre ardor nos inflama!
É a luz que se derrama
Sobre este revolto Mar...!

O amor é sempre o móvel
De elevados sentimentos...
Não é posto de tormentos
Como ousaste tu dizer;
Esse amor de que tu zombas
Já rutilou na tua alma,
Como a luz fulgente e calma
De um risonho alvorecer!³⁸

38 NEVES, 1987, p. 178-179.

À beira-mar

Walkiria Neves Goulart Machado



Nesta praia do Sul, arenosa e deserta,
Eu lembro o teu perfil de santo e sonhador.
Uma louca saudade o coração me aperta,
Uma saudade do teu ser, ó meu Amor!

E me vejo sozinha, à beira d'água, ouvindo o canto
Da alma elegíaca do mar.
Embrumados, os olhos meus destilam pranto
E se ouve um pranto na voz beduína, a voz do ar.

Longe daqui, à beira-mar, eu sei que sonhas
Com o meu perfil de artista e de amorosa.
Andam pelo teu ser solitudes tristonhas
Nessa praia do Norte, deserta e arenosa.

E a onda que vem me traz o teu desejo
E a onda que vai te leva o meu querer.
A harpa do solitário num arpejo
Rapsódia a minha vida e o teu viver.

À beira-mar esses teus olhos são mais líquidos:
Roubam o azul da água, o azul do céu, o azul do ar.
E embebidos de azul, e encharcados e límpidos,
São irmãos gêmeos dos olhos místicos do mar.

À beira-mar estes meus olhos se enfarruscam:
O esfuminho da Vida, a “sauce” negra misturando,
Longas olheiras me desenha, que chamuscam
A minha pálpebra, a fechar de quando em quando.

E o preamar, subindo à cripta dos rochedos,
No fluxo das vagas a estuar,
Galgando rochas e recifes e penedos;
É o teu desejo imenso, delirando, a me chamar.

Dessa praia do Norte, arenosa e deserta.
Tu vens a mim na ansiedade de uma oferta.

E tu receberás, no refluxo da onda,
O meu amor, humilde e casto e meio e bom.
Ele rutila como joia de Golconda
A te envolver num branco e azúleo e róseo tom.

E a onda que sobe traz o teu desejo
E a onda que desce leva o meu querer...
A harpa do mar, ondeando num harpejo,
Rapsódia a minha vida e o teu viver.³⁹

39 MACHADO, Walkiria Neves Goulart. *Uma vida de poesia*. [S.l.: s.n.], [19--]. p. 23.

Minha terra

Walter Sinclair Robinson



Canto minha terra, canto
a cidade que tem areias douradas,
queimadas de sol, e clarões de alvoradas,
nas águas do mar, ao entardecer...
Minha terra modesta, graciosa e gentil,
onde há lindas noites de luar prateado,
e um céu majestoso, de estrelas bordado,
como em parte alguma jamais pode haver!

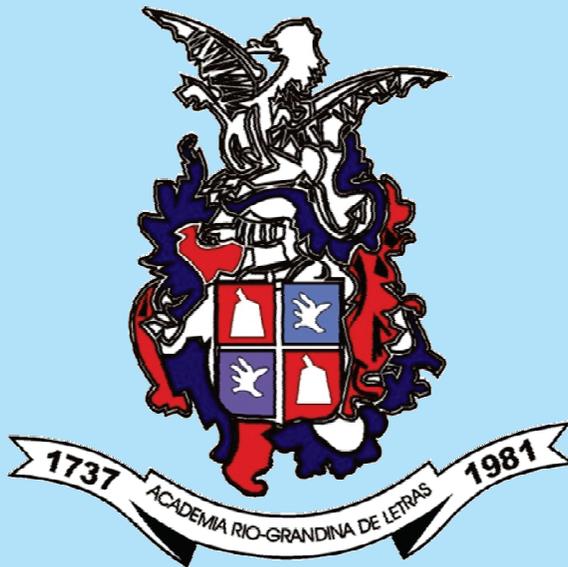
Canto minha terra, canto
esse berço ditoso que me viu nascer
que eu jamais poderia esquecer
de decantá-lo nos versos meus...
Que lindo que é, Rio Grande querido,
é verde o eu mar – da cor da esperança –
tão azul o teu céu, que a gente não cansa,
de exaltar, orgulhoso, os encantos teus!

Teus cômoros, ao longe, de areias tão brancas,

lembrando silhuetas em pleno deserto
confundem a visão se visto, por certo,
na hora das sombras crepusculares...
Resplandem, no entanto, uma orgia de luz,
mal surgem, no céu, os albores da aurora,
que se vão estendendo pelo espaço afora,
com os seus rubros clarões tão singulares!

Canto minha terra, canto
a bizarra beleza que nela existe,
todo esplendor que para mim consiste
ao contemplá-la em cada recanto...
E ao olhar o seu mar, às vezes, bramindo,
o seu céu tão sereno, qual doce remanso,
o contraste deslumbra o meu olhar e não canso
de cada vez querer mais esta terra que eu canto!⁴⁰

40 RODRIGUES, 1989, p. 74.



Letras do Rio Grande é uma publicação da Academia Rio-Grandina de Letras e tem por intento promover a difusão e atuar em prol da leitura, da literatura e da cultura.



LETRAS DO RIO GRANDE

REVISTA DA ACADEMIA RIO-GRANDINA DE LETRAS



CASALETRAS
www.casaletras.com/arl